

V ENCONTRO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**“LÍNGUA:  
UMA QUESTÃO DE REGRAS OU DE USOS?”**

**PROGRAMAÇÃO  
E  
CADERNO DE RESUMOS**

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
FFLCH/USP  
27 A 29 DE NOVEMBRO DE 2002



V ENCONTRO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

27 a 29 de novembro de 2002  
USP OFICINA

Tema do evento: *“Língua: uma questão de regras  
ou de usos?”*

*Comissão de Organização*

Albelita Lourdes Monteiro Cardoso  
Alessandra Martins Antunes  
Ana Lúcia da Silveira  
Ana Paula Quadros Gomes (coordenação)  
Bruno Okoudowa  
Leda Cecília Szabo  
Marcelo Machado Martins  
Ronaldo de Oliveira Batista  
Terezinha de Jesus Costa

**USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

**FFLCH – FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS**

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Eni de M. Samara

**DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA**

Chefe: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

Vice-Chefe: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

**PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

Coordenadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Paula Müller

Preparação e Edição da Programação e do Caderno de Resumos: Ronaldo de  
Oliveira Batista

Projeto Gráfico e Diagramação: Dorli Hiroko Yamaoka (SDI – FFLCH/USP)

Logotipo: Vagner Muniz

## Apresentação

O V ENAPOL – Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – dá continuidade ao projeto de abrir um espaço privilegiado para a discussão de pesquisas dos estudantes de lingüística, iniciado em 1998. Tivemos, neste ano, a inscrição de 65 trabalhos, dentre os quais 30% vêm de outras universidades brasileiras, públicas e privadas, confirmando e consolidando uma tendência já manifestada no encontro de 2001. A extensão dos limites do ENAPOL revela o prestígio e a importância deste evento para os pós-graduandos do país, que encontram aqui uma oportunidade de compartilhar suas propostas e inquietações com estudantes e professores das diversas áreas da pesquisa lingüística. Cabe assinalar, também, o fato de termos recebido a inscrição antecipada de mais de 20 pessoas para apenas assistir ao evento.

Os trabalhos que serão apresentados neste ano distribuem-se pelas diferentes linhas de pesquisa desenvolvidas no curso de pós-graduação de nossa universidade e oferecem um panorama do interesse de nossos estudantes. Embora todas as linhas de pesquisa estejam representadas, permanece, ainda, a concentração maior de inscritos em *análise do discurso e semiótica* (13), seguida de perto pela área de *aquisição/aprendizagem/ensino* (10) – que reúne a maioria dos inscritos de fora da USP, principalmente, estudantes da PUC/LAEL. A seguir, vêm, em ordem decrescente de número de inscrições, os trabalhos de *lexicologia/lexicografia* (7), *historiografia da lingüística* (5), *teoria da gramática* (4), *línguas indígenas* (3), *línguas africanas* (3), *fonoaudiologia* (3), *lingüística e informática* (2), *tradução* (2), *fonética e fonologia* (2), *geolingüística* (2), *filologia* (2), *semântica* (1), *psicolingüística* (1), *lingüística aplicada* (1) e *sânscrito* (1).

Temas novos aparecem, como a *análise de sites da Internet*, o estudo de *canções infantis* e o *repente*; outros se difundem, como o *discurso publicitário* e a *propaganda política*, temas de várias comunicações. Dois trabalhos se colocam na

interface com a *aquisição/aprendizagem e ensino*: um que trabalha a relação da *aquisição com a fonética e a fonologia*, e outro que discute a relação da *aprendizagem de língua estrangeira com a análise do discurso*.

O debate sobre estrangeirismo, purismo e preconceito lingüístico, que ultimamente vem ocupando a cena dos estudos lingüísticos no Brasil, evidenciou a necessidade de se compreender melhor a noção de *uso*, crucial para toda discussão sobre norma e hábitos lingüísticos. Atenta a esses desdobramentos, a comissão organizadora do V ENAPOL escolheu para este encontro o tema *Língua: uma questão de regras ou de usos?* Duas conferências vão abordar essa proposta, focalizando os instrumentos fundamentais do saber metalingüístico: o dicionário e a gramática. Na abertura do encontro, o Prof. Dr. Francisco S. Borba vai apresentar o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, obra elaborada sob sua coordenação, pioneira no gênero, que consigna o uso efetivo da língua portuguesa no Brasil, a partir de registros de língua escrita da segunda metade do século XX. O encontro será encerrado com a conferência da Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves: *Gramática: uma questão de regras ou de usos?* Autora de uma gramática de usos do português brasileiro, a conferencista esclarecerá com sua reflexão os conceitos de norma e de uso dentro de uma concepção atual de *gramática de usos*.

Este encontro, na trilha dos anteriores, busca continuar e inovar. Esperamos que a colaboração de alunos, professores e funcionários alcance esse objetivo.

Margarida Maria Taddoni Petter

Coordenadora da Pós-Graduação em Lingüística – FFLCH/USP

## V ENCONTRO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA USP

*“Língua: uma questão de regras ou de usos?”*

Procurando refletir, em variadas linhas de pesquisa da ciência lingüística, a respeito do uso e de regras nas formas de se entender linguagem e línguas, o Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da USP chega ao seu quinto ano.

Com 65 trabalhos inscritos, o ENAPOL é definitivamente um espaço de discussão acadêmica com a apresentação de comunicações não só de alunos do Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, mas também de pesquisadores de outras instituições. O número de inscrições e os diferentes centros de pesquisa que participam do evento confirmam o crescente prestígio que o Encontro vem ganhando entre os estudantes de pós-graduação em Lingüística e áreas afins. Sem dúvida, o ENAPOL colabora para que tenhamos uma visão, em forma resumida porém representativa, do atual estado de pesquisas no campo de estudos lingüísticos no Brasil.

Ao lado disso, comemoramos o lançamento do segundo volume da nova série de livros da Editora Humanitas: a coleção “Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da USP” (catalogada internacionalmente). Organizado por Angela França (com a colaboração da Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter) o livro *Afinal, já sabemos para que serve a Lingüística?* traz publicados, após seleção de pareceristas, trabalhos apresentados no IV ENAPOL.

Este o ano o Encontro tem duas participações muito especiais. O Prof. Dr. Francisco da Silva Borba (UNESP) apresenta a Conferência de Abertura, e a Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves (UNESP) encerra oficialmente o evento com a Conferência “Gramática: uma questão de regras ou de usos?”.

Convidamos, então, todos os participantes para aproveitarem essa jornada que se inicia, não esquecendo de agradecer a todos que colaboraram para a realização deste encontro. Agradecemos também as 'dicas' de Angela França, coordenadora do IV ENAPOL. Em especial, lembramos a dedicação da Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter, que esteve o tempo todo do nosso lado, durante as atividades de organização.

A Comissão Organizadora do V ENAPOL

Novembro/2002

V ENCONTRO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMAÇÃO

---

27 de novembro de 2002

---

8h – Inscrição e distribuição de material

9h – Abertura: - Comissão de Organização  
- Chefe do Departamento de Lingüística  
- Coordenadora da Pós-Graduação: Profa. Dra. Margarida Maria  
Taddoni Petter

9h30 – Conferência: Prof. Dr. Francisco da Silva Borba (UNESP), autor do  
*Dicionário de Usos do Português do Brasil*

10h30-10h40: café

*Mesa 1*

10h40: Andréa Regina Nunes Misquiatti (Doutoranda, FFLCH/USP)  
*TERAPIA DA LINGUAGEM: INVESTIGAÇÃO DOS ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E PRAGMÁTICOS EM CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS PSIQUIÁTRICOS*

11h: Lia Santos de Oliveira Martins (Doutoranda, PUC-RJ)  
*AQUISIÇÃO DE VERBOS DENOMINAIS, UMA PROPOSTA DE ESTRUTURAS RELACIONAIS LEXICAIS*

11h20: José Ferrari Neto (Mestrando, PUC-RJ)  
*AQUISIÇÃO DO NÚMERO EM PORTUGUÊS*

11h40: Karina de Araújo (Mestranda, FFLCH/USP/CNPq)  
*AQUISIÇÃO DOS MORFEMAS GRAMATICAIS DO PORTUGUÊS EM CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS: RESULTADOS PARCIAIS*

12h: Silvana Batista Gaino (Mestranda, FFLCH/USP)  
*PROTOCOLO DE IDENTIFICAÇÃO DE POSSÍVEIS TRANSTORNOS INVASIVOS DO DESENVOLVIMENTO*

12h20-13h20: almoço

*Mesa 2*

13h20: Augusta de M.C. de Moraes (Mestranda, FFLCH/USP/Capes)  
*A TEORIA DA SÍLABA APLICADA AO ENCONTRO ACENTUAL*

13h40: Brenda Veloso (Mestranda, IEL-UNICAMP/Fapesp)  
*O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO NAS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS*



14h: Bruno Okoudowa (Mestrando, FFLCH/USP)

*A FONOLOGIA DA LÍNGUA LÉ-MBÁÁMÁ: A NASALIDADE*

14h20: Sidnei Barreto Nogueira (Mestre, FFLCH/USP)

*A VOZ QUE FALA ATRAVÉS DO CANTO: UM HÍBRIDO ENTRE TONS E ACENTOS*

14h40: Beatriz Christino (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*CAPISTRANO DE ABREU (1853-1927) E AS "DIFICULDADES SINGULARES" DA "PHONETICA DO RÃ-TXA HU-NI KU-~I"*

15h-15h10: café

### *Mesa 3*

15h10: Marisa R. Neves (Mestranda, FFLCH/USP)

*CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: A IDENTIDADE NACIONAL NUM JINGLE PUBLICITÁRIO*

15h30: Vanda Bartalini Baruffaldi (Doutoranda, FFLCH/USP)

*O COMERCIAL DO UOL E O MITO DE NARCISO*

15h50: Mariana de Rosa Trotta (Mestranda, FFLCH/USP)

*A SINESTESIA MOSTRADA E A SINESTESIA SENTIDA NO DISCURSO PUBLICITÁRIO*

16h10: Roseli Novak (Mestranda, FFLCH/USP)

*CANÇÕES INFANTIS E ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO*

16h30-16h40: café

### *Mesa 4*

16h40: Ana Paula Q. Gomes (Mestranda, FFLCH/USP/Fapesp)

*QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL NO PB: TODO HOMEM, TODA VEZ, ETC.*

17h: Márcia Santos D. de Oliveira (Doutoranda, FFLCH/USP/Fapesp)

*RELATIVAS EM IBIBIO: ÊNFASE EM ESTRUTURAS ACOMPANHADAS POR PARTÍCULA KÉ*

17h20: Teresa Cristina Wachowicz (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*O QUE É LEXICAL E O QUE É COMPOSICIONAL EM LEITURA ASPECTUAL?*

17h40: Neumar L. M. Flenik (Mestrando, UFPR/CNPq)

*PARA UMA SEMÂNTICA COMBINATÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

18h: encerramento das atividades do dia

28 de novembro de 2002

---

**Mesa 5**

8h: Lígia Maria C. Imaguire (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*ETAPAS DO PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA GEOLINGÜÍSTICA*

8h20: Sônia Sueli Berti Santos (Doutoranda, FFLCH/USP)

*ESTUDO GEOLINGÜÍSTICO DO CAMPO SEMÂNTICO 'ALIMENTAÇÃO E COZINHA' (QUESTIONÁRIO DO ALIB) NO MUNICÍPIO DE SOROCABA*

8h40: Maria Helena de Paula (Doutoranda, UNESP/CNPq)

*DE BRINCADORES E CANTIGAS: INVENÇÃO E INVENTARIAÇÃO NAS CONGADAS DE CATALÃO – GO*

9h: Ana Stela de Almeida Cunha (Doutoranda, FFLCH/USP/Fapesp)

*REPENSANDO OS CONTATOS ENTRE BRASIL E ÁFRICA: O PORTUGUÊS POPULAR FALADO NAS TERRAS DE PRETO DO MARANHÃO*

9h20-9h30: café

**Mesa 6**

9h30: Rita Limberti (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO COMO LUGAR*

9h50: Ronaldo de Oliveira Batista (Doutorando, FFLCH/USP)

*"USUS TE PLURA DOCEBIT": O USO DA LÍNGUA E ARTES DE GRAMÁTICA*

10h10: Erani Stutz do Valle Adamo (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*ESCRITURAS SAGRADAS, GRAMÁTICA E USO DA LÍNGUA - TEMAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM/LÍNGUA EM SPINOZA*

10h30: Maurício Silva (Pesquisador do IP-PUC/SP)

*SUPERANDO A "ANARQUIA ORTOGRÁFICA": A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E A REFORMA ORTOGRÁFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA (1907)*

10h50: Angela França (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*MATTOSO CÂMARA E A TERCEIRA VIA GRAMATICAL: UMA TIPOLOGIA (MORFO)SINTÁTICA DO NOME EM PORTUGUÊS*

11h10-11h20: café

**Mesa 7**

11h20: Cátia Veneziano Pitombeira (Mestranda, PUC-SP)  
*MARCAS DE ENSINO NO CHAT*

11h40: Nilton Hernandes (Doutorando, FFLCH/USP/Fapesp)  
*SEMIÓTICA E INTERNET: ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISE DE SITES*

12h: Daniela Fregonesi Bragazza (Doutoranda, FFLCH/USP)  
*ANÁLISE DE UM CONTO MACHADIANO ATRAVÉS DA LINGÜÍSTICA INFORMÁTICA*

12h20: Adrianna Ferreira de Sousa de Albuquerque (Doutoranda, PUC-RJ)  
*A CONSTRUÇÃO DOS ATOS DE NEGAR EM ENTREVISTAS TELEVISIVAS: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DO FENÔMENO EM PLM COM APLICABILIDADE EM PLE*

12h40: Ida Maria da Mota Rebelo (Pós-Graduação, PUC-RJ)  
*CHAT, FORMULAÇÃO DE IDENTIDADES E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS*

13h-14h10: almoço

**Mesa 8**

14h10: Alessandra Del Ré (Doutoranda, FFLCH/USP)  
*A QUESTÃO DAS CONDUTAS METALINGÜÍSTICAS NOS ENUNCIADOS HUMORÍSTICOS INFANTIS*

14h30: Maria Alice Venturi (Doutoranda, FFLCH/USP/CNPq)  
*CONSCIENTIZAÇÃO PRAGMÁTICA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA*

14h50: Renata Maria de Barros (Mestranda, FE/USP)  
*A AQUISIÇÃO DOS DATIVOS NÃO ARGUMENTAIS EM ESPANHOL POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO*

15h10: Lívia Márcia T. R. Baptista (Doutoranda, IEL-UNICAMP)  
*A EMERGÊNCIA DO SUJEITO NO PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA*

15h30: Fátima H.A. de Oliveira (Doutoranda, UFRJ/CNPq)  
*TERMOS E CULTURA — O CAJU E O COCO NA CULINÁRIA MOÇAMBICANA*

15h50-16h: café

**Mesa 9**

16h: Michelle G. A. Dominguez (Mestranda, UFRJ)  
*DO DISCURSO ORAL DE RAIZ AFRICANA AO TEXTO LITERÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA, LITERATURA E IDEOLOGIA NO CONTO/CONTAR DE BOAVENTURA CARDOSO*

16h20: Érika Pereira Nunes (Mestranda, FFLCH/USP/Capes)

*EPÍJETOS DE HELENA E PÁRIS EM ALEXANDRA DE LICOFRON - PARTE I*

16h40: Allisson A. de Araújo (Mestrando, FFLCH/USP/Fapesp)

*EPÍJETOS DE HELENA E PÁRIS EM ALEXANDRA DE LICOFRON - PARTE II*

17h: Karina Jannini (Mestranda, FFLCH/USP/CNPq)

*AMBIGÜIDADE E TRADUÇÃO NOS CONTOS DE "IL COLOMBRE", DE DINO BUZZATI*

17h20: Roberto do Carmo Rocha (Doutorando, FFLCH/USP/Capes)

*ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS EPOPÉIAS INDIANAS E AS EPOPÉIAS GREGAS*

17h40: Sandra Helena C. Monteiro (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*A TRADUÇÃO E O ELEMENTO CULTURAL NA POESIA*

18h: encerramento das atividades do dia

---

29 de novembro de 2002

---

### *Mesa 10*

8h: Alba Verona Brito Gibrail (Mestranda, IEL-UNICAMP)

*O REDOBRAMENTO DE CLÍTICO NO CONTEXTO DE ACUSATIVO PREPOSICIONADO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO*

8h20: Flávia de Castro Alves (Doutoranda, IEL-UNICAMP/CNPq)

*FENÔMENOS RELACIONADOS À ERGATIVIDADE EM TIMBIRA-APÂNIEKRÁ*

8h40: Rosane de Sá Amado (Doutoranda, FFLCH/USP/Fapesp)

*A DUPLA NEGAÇÃO EM PYKOBYÉ E OS TEMPOS VERBAIS*

9h: Walkíria Neiva Prata (Doutoranda, UnB)

*ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A TIPOLOGIA DE "PERGUNTAS QU" EM TAPIRAPÉ*

9h20-9h30: café

### *Mesa 11*

9h30: Adail Ubirajara Sobral (Doutorando, Lael-PUC-SP/CNPq)

*GRAMÁTICA, LÍNGUA, CÓDIGO E USO: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO*

9h50: Juliana Belmonti (Mestranda, PUC-SP)

*A IMPORTÂNCIA DO INGLÊS INSTRUMENTAL E AS NECESSIDADES DOS ALUNOS DO CURSO DE  
TURISMO: TEORIA E PRÁTICA*

10h10: Vânia A. Calderoni da Silva (Mestranda, FFLCH/USP)

*USOS E NORMALIDADES DE ANGLICISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA*

10h30: Patrícia Torres de Azevedo (Mestranda, Lael-PUC-SP)

*O PROFESSOR CONTANDO ESTÓRIAS — A LEITURA DOS GESTOS COMO ESTRATÉGIA PARA A  
COMPREENSÃO ORAL*

10h50-11h: café

### **Mesa 12**

11h: Albelita Lourdes M. Cardoso (Mestranda, FFLCH/USP)

*DO USO À SISTEMATIZAÇÃO DE UMA LINGUAGEM: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PRODUÇÃO DE  
UM VOCABULÁRIO*

11h20: Leda Cecilia Szabo (Doutoranda, FFLCH/USP/Capes)

*ELABORAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO: ENTRE O SONHO E A REALIDADE*

11h40: Elizabeth Alves (Doutoranda, UnB)

*UMA PERSPECTIVA LÉXICO-FUNCIONAL DE CRISTALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NOS FRASEOLOGISMOS VERBAIS*

12h: Alessandra Paola Caramori (Doutoranda, FFLCH/USP)

*SOBRE UM DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM USO*

12h20: Rosa M.C. Castanho (Mestranda, FFLCH/USP/Capes)

*PESQUISANDO COLOCAÇÕES VERBAIS NA LINGUAGEM MÉDICA*

12h40-13h40: almoço

### **Mesa 13**

13h40: Sylvio Frederico Dias Martins (Mestrando, FFLCH/USP)

*OS EFEITOS CRIADOS PELA IRONIA EM ALGUNS SERMÕES DE VIEIRA*

14h: Renata Ciampone Mancini (Doutoranda, FFLCH/USP)

*O CONCEITO DE PERCEPÇÃO COMO BASE DA EXISTÊNCIA SEMIÓTICA*

14h20: Denise das N.B. de Souza (Mestranda, UFF/RJ/CNPq)

*NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR: A DESCONSTRUÇÃO DA FALA INSTITUCIONALIZADA*

14h40: Ricardo N.C. Monteiro (Doutorando, FFLCH/USP)

*A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO REPENTE: RELAÇÕES ENTRE AS ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS VERBAIS E MUSICAIS DO GÊNERO "MARTELO"*

15h: Márcio L.G. Coelho (Doutorando, FFLCH/USP)

*ALOTIMBRE: PROCESSOS DE COVARIÇÃO NO ARRANJO DA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA*

15h20-15h30: café

#### **Mesa 14**

15h30: Romualdo Matos da Silva (Mestrando, PUC-SP/CNPq)

*PRODUÇÃO DE TEXTO EM UM CURSINHO COMUNITÁRIO PRÉ-VESTIBULAR: UM TRABALHO COM OS GÊNEROS DO DISCURSO*

15h50: Kátia Saisi (Mestranda, Fac. Cásper Líbero)

*A PROPAGANDA POLÍTICA DE ROSEANA SARNEY*

16h10: Odair José M. da Silva (Mestrando, FFLCH/USP)

*UMA PARÓDIA DO WESTERN: PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O FILME "BANZÉ NO OESTE" À LUZ DAS TEORIAS BAKHTINIANAS SOBRE O DISCURSO*

16h30: Fabília Rocha de Carvalho (Mestre, UNESP)

*ONTEM QUILOMBOS, HOJE PERIFERIA*

**17h: Conferência: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves – "GRAMÁTICA:**

**UMA QUESTÃO DE REGRAS OU DE USOS?"**

18h: *Coquetel de Encerramento*

***CADERNO DE RESUMOS***

*Mesa 1*

*TERAPIA DA LINGUAGEM: INVESTIGAÇÃO DOS ASPECTOS  
SOCIOCOGNITIVOS E PRAGMÁTICOS EM CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS PSIQUIÁTRICOS*

Andréa Regina Nunes Misquiatti (Doutoranda; FFLCH/USP; Fonoaudiologia)  
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Dreux Miranda Fernandes

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (T.G.D) caracterizam-se por prejuízo severo e invasivo em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação, ou presença de comportamento, interesses e atividades estereotipados. Este quadro engloba o autismo, a síndrome de Rett, o transtorno desintegrativo da infância e a síndrome de Asperger. Esses distúrbios em geral se manifestam nos primeiros anos de vida e frequentemente estão associados a algum grau de Retardo Mental. A atuação fonoaudiológica nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (T.G.D) é inquestionável, já que a comunicação dessas crianças representa uma das principais alterações. O papel do fonoaudiólogo em equipes multidisciplinares tem sido imprescindível, já que cabe a ele realizar o diagnóstico dos problemas de linguagem destas crianças e oferecer terapia fonoaudiológica. Crianças com T.G.D. apresentam alterações de linguagem que podem ser melhor explicadas: (a) pela dificuldade ou ausência de uso de pronomes ou outros tipos de palavras que indicam a relação entre o sujeito e seu interlocutor (dificuldade em usar, por exemplo, o pronome pessoal “eu”); (b) por momentos de ecolalia; (c) por dificuldade para usar termos abstratos; e (d) até mesmo o mutismo. A dificuldade com o uso funcional da linguagem em geral é sua maior alteração, senão a mais importante. As questões da linguagem relacionadas a distúrbios psiquiátricos da infância como autismo, a psicose, a síndrome de Rett, a síndrome de Asperger e do sítio frágil do cromossomo X, as desarmonias evolutivas e os distúrbios de conduta têm sido investigadas por inúmeros autores, há várias décadas. Portanto o objetivo desta pesquisa é analisar os aspectos funcionais e sociocognitivo de crianças com Distúrbios Psiquiátricos no decorrer do processo terapêutico fonoaudiológico em duas situações de terapia de linguagem.

*AQUISIÇÃO DE VERBOS DENOMINAIS,  
UMA PROPOSTA DE ESTRUTURAS RELACIONAIS LEXICAIS*

Lia Santos de Oliveira Martins (Doutoranda; PUC-RJ; Aquisição/prendizagem/Ensino)  
Orientadora: Profa. Dra. Leticia Sicuro Corrêa

Este trabalho focaliza o mecanismo de aquisição de verbos denominais por uma criança de quatro anos, assim como exercícios didáticos que visem a trabalhar



com o mesmo grupo de verbos. A análise dos dados é feita à luz da teoria proposta pelos lingüistas Kenneth Hale e Samuel Keyser (1998). Essa teoria propõe a existência de umas poucas estruturas sintáticas internas ao léxico, das quais os verbos denominais são resultantes. Os dados revelam que as incorporações e desincorporações propostas na teoria estão sendo realizadas pelo sujeito com verbos conhecidos e hipotéticos. Os exercícios didáticos analisados também comprovam uma intuição dos mecanismos sugeridos pela teoria. Os resultados desse estudo são compatíveis com a hipótese de habilidades inatas especificamente na sintaxe lexical.

#### *AQUISIÇÃO DO NÚMERO EM PORTUGUÊS*

José Ferrari Neto (Mestrando; PUC-RJ; Aquisição/Aprendizagem/Ensino/Psicolingüística)  
Orientadora: Profa. Dra. Leticia Maria Sicuro Corrêa

O presente estudo é concernente à caracterização dos processos de aquisição do número por parte de crianças submetidas aos dados do português. Está vinculado ao Projeto Integrado do Grupo de Pesquisa Processamento e Aquisição da Linguagem do LAPAL (Laboratório de Psicolingüística e Aquisição da Linguagem da PUC/RJ), onde são desenvolvidas pesquisas experimentais com o objetivo de prover modelos teóricos a serem tomados como base para o estudo do desenvolvimento lingüístico de crianças. Nesta dissertação busca-se a elaboração de uma explicação que dê conta de como a criança adquire o sistema de número gramatical em português, com base em uma série de experimentos com dados do português feitos com crianças e levados a cabo nos laboratórios do LAPAL. Estes experimentos concentraram-se na análise da manifestação do número gramatical nos elementos que formam o DP, através do mecanismo de concordância. Também se deseja a conciliação do tratamento procedimental da aquisição da linguagem com uma teoria de língua que determine com clareza o que é alvo de um aparato processador de língua. O contexto teórico no qual se insere esta dissertação é o de uma Teoria de aquisição da linguagem que objetive conciliar Teoria Lingüística com teorias do processamento lingüístico. A hipótese que norteia esta pesquisa é a de que a informação contida no Determinante é crucial para fixação do parâmetro relativo a número em português. Estudos recentes têm demonstrado que os bebês são sensíveis aos Determinantes, bem como a propriedades fônicas dos Determinantes. Esses resultados suportam a hipótese aqui assumida, segundo a qual os valores relativos a número são identificados dentro da categoria D e o número é atribuído a um nome pelo processo da concordância entre Determinante e Nome.

*AQUISIÇÃO DOS MORFEMAS GRAMATICAIIS  
DO PORTUGUÊS EM CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS: RESULTADOS PARCIAIS*

Karina de Araújo (Mestranda; FFLCH/USP/CNPq; Fonoaudiologia)  
Orientadora: Profa. Dra. Débora Maria Befi-Lopes

Poucas pesquisas têm sido realizadas com o objetivo de descrever as habilidades relacionadas ao subsistema morfossintático da linguagem em crianças falantes do português. O estudo precursor de Brown (1978) apresentou os valores de MLU (mean length utterance) medidos a partir dos morfemas gramaticais e estabeleceu uma relação entre este valor e o estágio de desenvolvimento gramatical. O autor descreveu a ordem e a idade de aquisição dos principais morfemas gramaticais do inglês e a extensão média dos enunciados obtidos em 100 segmentos de fala. Foram realizadas outras pesquisas, em diversas línguas (italiano, espanhol, hebraico e japonês) tanto em crianças com desenvolvimento normal de linguagem como crianças com outras patologias de comunicação (Hickey, 1991; Leonard et al, 1997; Gutierrez-Clellen et al, 2000). Segundo Leonard et al (2000) a aquisição e o uso de morfemas gramaticais está intimamente relacionado ao desenvolvimento da estrutura frasal (extensão) e de habilidades sintáticas mais elaboradas. O objetivo deste estudo foi descrever a ordem e a idade de aquisição de alguns morfemas gramaticais do português. Foram sujeitos da pesquisa 20 crianças com faixa etária entre 2;1 a 4;7 anos de idade, em desenvolvimento normal de linguagem, que freqüentavam uma creche da rede municipal de São Paulo. Foi coletada uma amostra de fala obtida através de uma situação de interação, na qual utilizou-se brinquedos e objetos em miniaturas padronizados. A partir da amostra de fala, foram transcritos 100 segmentos. Os morfemas gramaticais que designam plural, gênero, flexão verbal (número e tempo), diminutivo e aumentativo foram tabulados e pontuados. Os resultados mostraram que com o desenvolvimento de linguagem, as crianças apresentam um maior número de flexões verbais e maior ocorrência da designação do plural. Quanto ao uso de diminutivo e aumentativo e do uso do morfema gramatical marcador de gênero não se pode observar diferenças significativas entre as faixas etárias estudadas.

*PROTOCOLO DE IDENTIFICAÇÃO DE POSSÍVEIS  
TRANSTORNOS INVASIVOS DO DESENVOLVIMENTO*

Silvana Batista Gaino (Mestranda; FFLCH/USP; Fonoaudiologia)  
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Dreux Miranda Fernandes

Quando nos referimos aos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, independentemente de quais sejam, estamos tratando daqueles considerados os mais severos de todas as condições psicopatológicas da infância. O desenvolvimento da

linguagem é extremamente afetado nos portadores de T.I.D. e os estudos em psicopatologia podem ser significativos na medida em que tornam possíveis ao lingüista observar a linguagem em sujeitos com desvios da personalidade e do pensamento; quanto aos profissionais da área da saúde, o interesse destes estudos é determinado pela própria prática, já que a avaliação da linguagem do paciente se apóia sempre em algum quadro teórico específico (NAVET & NESPOULOS, 1987).

Metodologia: Este trabalho consistiu, na primeira fase, de um levantamento bibliográfico dos instrumentos diagnósticos existentes para detecção dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, com a finalidade de utilizá-los como referência na elaboração de um protocolo de identificação de possíveis Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, que propicie a identificação primária e direcionamento dos atendimentos a serem feitos, até que haja a possibilidade do encaminhamento para o diagnóstico médico especializado. Isso aumentará as possibilidades de uma intervenção precoce, conduzindo a melhores prognósticos. Na segunda fase, o protocolo elaborado será aplicado pela pesquisadora em 30 portadores de T.I.D. e em 120 crianças normais. Depois os protocolos preenchidos (sem os dados de identificação) serão enviados a fonoaudiólogos e psicólogos (juizes), que trabalham em instituições que atendem portadores de T.I.D., para que eles separem os protocolos dos portadores de T.I.D. dos protocolos das crianças normais.

*Mesa 2*

*A TEORIA DA SÍLABA APLICADA AO ENCONTRO ACENTUAL*

Augusta de M.C. de Moraes (Mestranda; FFLCH/USP/Capes; Aquisição/  
Aprendizagem/Ensino; Fonética e Fonologia)

Orientadoras: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão e Profa. Dra. Raquel Santana  
Santos

Durante muito tempo acreditou-se que o trabalho de aquisição da língua era unicamente a aquisição da sintaxe, de um vocabulário e de um sistema fonológico. Por fonologia entendia-se apenas o aspecto segmental da mesma, acreditando que a criança já teria a entonação e o ritmo prontos. No entanto, estudos mais recentes mostram que os aspectos prosódicos também devem ser adquiridos (Scarpa, 1988). Estou observando “Como a criança lida com o encontro acentual”, isto é, quais as estratégias utilizadas pela criança face ao referido encontro e quando as mesmas são adquiridas. Para tanto, utilizei a teoria métrica de Nespor & Vogel (1986). Especificamente neste trabalho, aplicarei a teoria métrica da sílaba (Selkirk, 1982) às sílabas de encontros acentuais encontradas no processo de aquisição da linguagem em duas crianças, R e T, no período de 2,5 a 3,4 meses (crianças do PAL-UNICAMP). Tentarei elucidar a seguinte questão: se a estrutura interna da sílaba influencia ou não a resolução/manutenção do encontro acentual. Na primeira seção apresentarei os dados de aquisição e suas respectivas análises com relação ao fenômeno do encontro acentual, baseada na teoria métrica de N & V. Na seção seguinte aplicarei a teoria métrica da sílaba aos dados de aquisição.

*O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO NAS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS*

Brenda Veloso (Mestranda; IEL-UNICAMP/Fapesp; Fonética e Fonologia)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre

A partir da análise do sândi vocálico externo em um corpus da variedade lingüística goiana, constituído de diálogos entre profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo, foi possível observar fenômenos recorrentes que se apresentavam também no português brasileiro, como o bloqueio da elisão de monomorfemas, e depois compará-los com outras variedades do português. Surgiu, então, a necessidade de verificar as características da elisão de monomorfemas desencadeados pelo sândi vocálico externo em outras duas gramáticas do português: o português arcaico (PA) e o português europeu moderno (PE). Para explicar o bloqueio da elisão, adotamos o quadro teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993), que pressupõe um nível de interface entre a morfologia e a fonologia.

Esse nível de interface permite explicitar o bloqueio da aplicação de uma regra fonológica pós-lexical em segmentos que contêm informação morfológica. De acordo com a pesquisa desenvolvida, o determinante é a categoria morfossintática responsável pelo bloqueio da elisão nos monomorfemas. Pesquisas sociolingüísticas contribuem para a confirmação da hipótese de que é a presença do determinante que bloqueia a elisão. Assume-se nesta pesquisa uma forma fraca da hipótese funcionalista (Poplack, 1979), segundo a qual as funções morfológicas podem interagir sistematicamente com processos fonológicos, permitindo tanto o apagamento como a preservação da marca fonológica. Como conclusão, constatou-se que a elisão dos monomorfemas também ocorre da mesma forma nas diferentes gramáticas do português, indicando que se trata de um fator bastante conservador no que diz respeito ao apagamento de categorias.

#### *A FONOLOGIA DA LÍNGUA LÊ-MBÁÁMÁ: A NASALIDADE*

Bruno Okoudowa (Mestrando; FFLCH/USP; Línguas Africanas)  
Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Lê-mbáámá é uma língua bantu do grupo B.62 (Guthrie, *The bantu languages of Western Equatorial Africa*, 1953), grupo Benuê-Congo do phylum Níger-Congo. Esta língua é oficialmente conhecida no Gabão como "obamba". Também é chamada Mbédé ou Mbama pelos seus estudiosos. A língua Lê-mbáámá é falada no sudeste do Gabão na província do Haut-ogoué por cerca de 12.000 habitantes, segundo o SIL (Summer Institute of Linguistics, 1996). Os falantes dessa língua denominam-se á-mbáámá (plural) ou ó-mbáámá (singular), mas oficialmente são chamados de "obamba" (termo invariável). Assinalamos que esse termo é apenas a simplificação colonial, retomada pela administração gabonesa, do termo ó-mbáámá. Este trabalho faz o inventário dos fonemas dessa língua (consoantes e vogais), trata da nasalidade no nível das consoantes e das vogais e discute a questão das consoantes pré-nasalizadas.

#### *A VOZ QUE FALA ATRAVÉS DO CANTO: UM HÍBRIDO ENTRE TONS E ACENTOS*

Sidnei Barreto Nogueira (Mestre; FFLCH/USP; Línguas Africanas)  
Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Toda língua é essencialmente melódica, os acentos ou os tons conferem à língua uma determinada melodia. Inconscientemente ou não, o falante faz com que a sua intenção se manifeste na língua através da intensidade do som. No caso da língua Yorubá, provavelmente, os tons instauram na língua, mesmo no momento de falas cotidianas, uma certa musicalidade. Nos Candomblés, que se identificam como pertencentes à nação Quetu, cuja marca cultural está na utilização de um código

lingüístico de origem Yorubá, a musicalidade deve ter sido mantida através da entoação dos falantes que a aprenderam através das cantigas de Candomblé. Desse modo, este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparativa e sistemática dos tons em Yorubá e suas manifestações correspondentes nas cantigas em Nagô. Após a análise dos cânticos utilizados em homenagem a Xangô — uma das divindades do Panteão Africano —, foi-nos possível vislumbrar as relações, no nível supra-segmental, que se estabeleceram nas manifestações lingüísticas do Yorubá falado e suas correspondências no Nagô Cantado. O sincretismo existente entre tons e acentos possibilitou a manutenção não só de lexemas de origem Yorubá, mas também de marcas fonológicas de uma língua autenticamente africana, ou seja, a manifestação da África no Novo Mundo, tendo como fio condutor o universo lingüístico.

*CAPISTRANO DE ABREU (1853–1927)*

*E AS “DIFFICULDADES SINGULARES” DA “PHONETICA DO RÃ-TXA HU-NI KU-~I”*

Beatriz Christino (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Historiografia da Lingüística)  
Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

Capistrano de Abreu (1853–1927) publicou em 1914 a primeira gramática do Caxinauá (língua pano), que recebeu o título de *rã-txa hu-ni-ku-~i*, a denominação dada pelos falantes nativos à língua. Resultado de um intenso trabalho de pesquisa empreendido com a ajuda de dois informantes, sua obra inclui a transcrição de diversas lendas que oferecem quase seis mil frases, acompanhadas de sua tradução palavra por palavra. Além disso, conta com um “vocabulário brasileiro-caxinauá” e com um “vocabulário caxinauá-brasileiro”.

Nos limites dessa comunicação, investigo a maneira como o autor abordou a fonética do Caxinauá, na tentativa de identificar procedimentos de análise e estratégias descritivas utilizadas por Capistrano de Abreu. Base para o processo de transcrição, o reconhecimento dos sons da língua indígena mostrou-se ‘espinhoso’, no dizer do autor (Abreu 1914: 4). Segundo ele, “a phonetica do *rã-txa hu-ni ku-~i* [...] oferece dificuldades singulares” (idem). Por conta disso, dou especial atenção para os problemas levantados por Capistrano, no tocante à classificação dos sons, e para as soluções por ele encontradas.

### Mesa 3

#### CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: A IDENTIDADE NACIONAL NUM JINGLE PUBLICITÁRIO

Marisa R. Neves (Mestranda; FFLCH/USP; Semiótica)  
Orientador: Prof. Dr. Mário Ferreira

Roland Barthes, em seu livro *Mitologias*, faz uma leitura dos mitos cotidianos que estão fortemente estabelecidos na cultura francesa e que contam para sua reprodução com os veículos de comunicação de massa. Cada indivíduo, ao receber mensagens produzidas no interior desses veículos, acaba por reproduzir discursos que (re)alimentam os mitos e suas ideologias. Por meio da análise Semiótica de um jingle publicitário da empresa Sadia, “S do nosso Brasil”, tento percorrer o caminho da construção de sentido da identidade nacional presente no texto, aproximando uma possível interpretação do jingle aos pressupostos oferecidos por Barthes.

#### O COMERCIAL DO UOL E O MITO DE NARCISO

Vanda Bartalini Baruffaldi (Doutoranda; FFLCH/USP; Semiótica)  
Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

O trabalho tem, como objetivo, recuperar, por meio dos princípios da semiótica greimasiana o trajeto percorrido por um texto publicitário elaborado com o propósito de divulgar, para o universo dos publicitários, os serviços do *UOL*, provedor de acesso do jornal *Folha de São Paulo*.

A análise da trajetória permite concluir que, assim como outros textos do gênero, esse apresenta dois sujeitos de manipulação: um é o produtor de um objeto (uma empresa, por exemplo) e o outro, um elemento intermediário. Entre esses dois sujeitos se estabelece um contrato que permitirá, ao segundo, agir em nome do primeiro. É a esse elemento intermediário — via de regra uma agência publicitária — que caberá despertar, em uma terceira personagem, um enunciatário (o consumidor potencial), o interesse em adquirir o objeto anunciado. Para desempenhar a tarefa que lhe cabe no percurso, o segundo sujeito deverá conhecer o perfil de seu interlocutor a quem pretende dirigir seu trabalho a fim de selecionar, dentre muitas, a melhor estratégia capaz de atingi-lo. O que torna particularmente curioso o comercial do *UOL* é o fato de o enunciador do comercial — o profissional da publicidade — dirigir-se a um enunciatário que pertence a seu círculo de trabalho.

*A SINESTESIA MOSTRADA E A SINESTESIA SENTIDA NO DISCURSO PUBLICITÁRIO*

Mariana de Rosa Trotta (Mestranda; FFLCH/USP; Semiótica)  
Orientadora: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

O principal objetivo desse trabalho é verificar como se dá, dentro do anúncio da cerveja Antarctica, a realização da sinestesia e da estesia. Ou seja, como é realizado o percurso da sinestesia à estesia e como se configura a dimensão sensível do discurso. Nosso ponto de partida teórico são os estudos desenvolvidos pela semiótica do texto e pela semiótica visual, com os quais pudemos examinar questões ligadas ao discurso publicitário. Para realizarmos a análise do plano da expressão retomamos conceitos fundamentais da semiótica visual, tais como o de representação, iconicidade, contrato semiótico, figuratividade e tipos de gesticulação. Selecionamos para análise o anúncio da cerveja Antarctica denominado Aroma, devido ao seu caráter fortemente sinestésico, o que possibilitou a reflexão do percurso da sinestesia à estesia e, também, o estudo da dimensão sensível do discurso. A partir do que foi exposto, dividiremos essa comunicação em duas partes: a primeira que irá tratar da metodologia de pesquisa e das principais questões teóricas que levantamos e a segunda em que apresentaremos a análise do anúncio publicitário da cerveja Antarctica, discutindo a questão da sensorialidade representada e a sensorialidade que atinge o telespectador.

*CANÇÕES INFANTIS E ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO*

Roseli Novak (Mestranda; FFLCH/USP; Semiótica)  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

A partir da análise semiótica de algumas canções infantis, discutiremos os recursos utilizados pelo destinador, compositor e intérprete, para realizar a persuasão, em relação ao destinatário, ouvinte. Enfocaremos as isotopias de antropomorfização que se apresentam nessas canções no nível discursivo, e evidenciaremos os temas subjacentes a elas. Esses temas e as estratégias de persuasão servirão de base para avaliar a questão da adequação entre a canção infantil e o seu público alvo, a criança. A avaliação dessas questões, centrais no estudo comparativo das canções no campo interdiscursivo, será fundamentada no contexto dos valores estético, ideológico, pedagógico e educacional que envolvem o universo e o imaginário infantil. Assim, dentro do contexto da produção musical fonográfica do gênero canção infantil no Brasil, podemos verificar as diferentes tendências que expressam as distintas ideologias, representadas pelas canções em que o destino principal é a mídia e o consumo e pelas canções em que objetivo principal é a qualidade estética e poética. Discutiremos, assim, o desenvolvimento de procedimentos pautados na semiótica, para a seleção de um repertório adequado à criança, a ser utilizado e trabalhado em sala de aula por educadores, no ensino de música ou de outras áreas do conhecimento, e a ser consumido no dia-a-dia pelas crianças, fora do meio escolar.



*Mesa 4*

*QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL NO PB: TODO HOMEM, TODA VEZ ETC.*

Ana Paula Quadros Gomes (Mestranda; FFLCH/USP/Fapesp; Teoria da Gramática)  
Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Com base em Negrão (1977/2001), verificamos que os sintagmas quantificados formados por TODO/ TODA mais Nome, sem determinante, têm distribuição complementar com os formados por CADA mais Nome, no sentido de que “CADA mais Nome” não resulta em gramaticalidade em contextos genéricos (Ex.: “Cada homem é mortal.”, “Cada homem ama uma mulher.”). O estudo observou uma complementaridade na seleção dos Nomes que entram nesses sintagmas: TODO combina-se melhor com os não-contáveis, mas CADA não (ex: \*cada / todo amarelo; \*cada / toda uréia). A pesquisa (IC) verificou uma sensibilidade diferenciada à contabilidade dos Nomes, explicada pelo fato de CADA ser um operador que quantifica sobre átomos (Chierchia/1998); ao passo que TODO é um operador que quantifica sobre a totalidade do conjunto representado pelo Nome, ou seja, sobre o conjunto fechado, inteiro, e não sobre as partes. Há também uma seleção quanto ao tipo de predicado. Um predicado genérico pode ser atribuído ao conjunto descrito por “todo adolescente”, como em “Todo adolescente é um chato”, mas para “cada adolescente” é necessária a atribuição de uma característica individual para cada membro do conjunto em particular, e um predicado em comum não é aceito: “\*Cada adolescente é um chato”, em contraste com “Cada adolescente comeu dois sanduíches”. O propósito é estudar e descrever os fatos correlatos relativos a “Todos(as) + Determinante (pl) + Nome (pl)” (Todas as crianças) e “Todo(a) + determinante + Nome (sing)” (a pizza toda).

*RELATIVAS EM IBIBIO: ÊNFASE EM ESTRUTURAS ACOMPANHADAS POR PARTÍCULA KÉ*

Márcia Santos Duarte de Oliveira (Doutoranda; FFLCH/USP/Fapesp; Teoria da Gramática)  
Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Estruturas relativas são comuns em línguas africanas, predominando o tipo de construção em que a oração relativa encontra-se encaixada na oração matriz, ocorrendo imediatamente após o termo nominal principal - o ‘pivô’ da relativização. No entanto, as línguas africanas dispõem de construções relativas mais complexas, como por exemplo, relativas não encaixadas.

A literatura de línguas africanas demonstra que estruturas usadas para relativização não só variam de língua para língua, mas podem variar também dentro

de uma própria língua. Ibibio parece ser um destes exemplos, tendo mais de uma construção de oração relativa. A análise dos dados até então atestam as seguintes estruturas relativas em Ibibio:

- (i) relativa encaixada na oração matriz (estrutura predominante nas línguas africanas);
- (ii) relativa livre – uma relativa do tipo não encaixada, sem presença de termo nominal antecedente (pivô da relativização) e geralmente introduzida por uma palavra [WH];
- (iii). relativa caracterizada pela presença de partícula *-ke*.

Este trabalho enfatiza as construções relativas do tipo (iii). Minha proposta é que esta relativa é resultado de movimento A”, possuindo estreita relação com outras sentenças contendo elementos movidos para a periferia à esquerda, acompanhados pela partícula *ke*.

#### *O QUE É LEXICAL E O QUE É COMPOSICIONAL EM LEITURA ASPECTUAL?*

Teresa Cristina Wachowicz (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes (PICDT); Teoria da Gramática)

Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Que as leituras aspectuais das sentenças são derivadas composicionalmente é fato tranqüilo dentro das teorias de aspecto. As sentenças ‘João comeu um sanduíche’ e ‘João comeu sanduíches’, por exemplo, diferenciam-se entre as leituras episódica e habitual, respectivamente, pelas denotações dos sintagmas nominais em posição de objeto direto. Já ‘João quer um sanduíche’ e ‘João quer sanduíches’ parecem ter uma única leitura, de um evento estativo que permanece no tempo, cuja derivação não depende de denotação nominal do objeto direto. Esses diferentes condicionamentos, dentre outros, evidenciam a necessidade de um tratamento composicional. No entanto, dentro dessa composicionalidade, há uma situação que questiona a contribuição do valor lexical do verbo para a leitura aspectual. Sentenças como ‘João está vivendo’ e ‘João está vivendo experiências’, mais do que a necessidade da composicionalidade, mostram que o verbo sofre mudança em seu conteúdo semântico relevante à leitura aspectual, dada a mudança de estrutura em que ele se encontra. Na primeira sentença, a leitura é estativa, mas, na segunda, a leitura é no mínimo ambígua entre os valores episódico e habitual. Um fenômeno semelhante é observado em ‘João está conhecendo teorias de política’ e ‘João está conhecendo fábricas de móveis’, em que as estruturas não se distinguem, mas a

denotação abstrata e concreta dos sintagmas nominais parece, novamente, condicionar diferentes leituras aspectuais conseqüentes de diferentes interpretações dos verbos. A proposta de tratamento teórico resgata a idéia de co-composicionalidade da teoria lexical de Pustejovsky 1996 para o comportamento díspare dos verbos nas referidas sentenças.

*PARA UMA SEMÂNTICA COMBINATÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO [PB]*

Neumar Luís Michaliszyn Flenik (Mestrando; UFPR/CNPq; Semântica)  
Orientador: Prof. Dr. José Borges Neto

O presente trabalho de pesquisa apresenta uma proposta de formalização para a prosódia do Português Brasileiro (PB), seguindo a proposta de Steedman (2000), que pressupõe a existência de uma interface entre sintaxe e fonologia que participa na determinação do sentido dos enunciados, através da realização prosódica. Apresenta-se um exemplo do PB, no qual a fronteira entre tema e rema apresenta uma ambigüidade de localização. Isso se deve ao fato do tema, na maioria dos enunciados da fala cotidiana, não apresentar qualquer tipo de marcação explícita; assim, necessitamos de uma sintaxe mínima para estabelecer as possíveis derivações desse mesmo enunciado, informalmente marcadas através de parentetização:

- (1) [O ladrão tirou a chave da porta] [da frente]
- (2) [O ladrão tirou a chave] [da porta da frente]
- (3) [O ladrão tirou] [a chave da porta da frente]
- (4) [O ladrão] [tirou a chave da porta da frente]
- (5) [O ladrão tirou a chave da porta da frente]
- (6) \*[O] [ladrão tirou a chave da porta da frente]
- (7) \*[O ladrão tirou a chave da porta da] [frente]

A cinco primeiras sentenças são permitidas pela gramática, sendo, portanto, Estruturas Bem Formadas (EBFs); enquanto que as sentenças (6) e (7) apresentam impedimentos na sua derivação. O que constatamos do ponto de vista semântico é que, relativamente à estrutura de informação, todas essas derivações são idênticas, diferindo apenas no significado que assumem a partir da realização prosódica.

*Mesa 5*

*ETAPAS DO PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA GEOLINGÜÍSTICA*

Lígia Maria Campos Imaguire (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Geolingüística)  
Orientadora: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

O método cartográfico da geografia lingüística, ou ainda chamada de geolingüística, tem sido utilizado para a descrição das variantes de uma língua, distinta em termos sociais ou regionais e identificadas por um conjunto particular de palavras e estruturas gramaticais. Esse método, de acordo com Coseriu (1982: 79), pressupõe o registro em mapas especiais de um número elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) ou, em outras palavras, constitui um acervo de diferentes realizações formado por diversas normas comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território. A comunicação que iremos apresentar faz parte do trabalho que desenvolvemos: pesquisa geolingüística. Faremos uma breve exposição da metodologia empregada no trabalho, salientando os pontos lingüísticos, a busca e a seleção dos sujeitos/informantes, o questionário lingüístico, a entrevista, as gravações, a análise do corpus, a forma de transcrição, a preparação das tabelas e as cartas lingüísticas.

*ESTUDO GEOLINGÜÍSTICO DO CAMPO SEMÂNTICO*

*“ALIMENTAÇÃO E COZINHA” (QUESTIONÁRIO DO ALIB) NO MUNICÍPIO DE SOROCABA*

Sônia Sueli Berti Santos (Doutoranda; FFLCH/USP; Geolingüística)  
Orientadora: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

Este trabalho é parte de nossa dissertação de mestrado, que teve por objetivo o estudo da fala dos sorocabanos numa perspectiva geolingüística. Visa apresentar uma parte das pesquisas geolingüísticas realizadas na USP e a contribuição do trabalho ao Atlas Lingüístico do Brasil. Este estudo insere-se nos chamados estudos de terceira geração por apresentar um banco de dados semântico-lexicais em meio eletrônico, que possibilitou mostrar, além da distribuição diatópica, questões diafásicas e diastráticas, bem como efetuar um primeiro cruzamento das diversas variáveis. O banco de dados, disponível para consultas em CD-ROM, constitui o Apêndice do trabalho e possibilitou a elaboração das análises do *corpus*. Elaboramos uma análise quantitativa, que permitiu verificar a frequência relativa e absoluta das variantes semântico-lexicais coletadas na pesquisa, constantes do banco de dados, por ponto, por sexo e por idade. Em complementação, fizemos uma análise semântico-lexical com vistas ao levantamento da Norma dos falantes da região.

*DE BRINCADORES E CANTIGAS:  
INVENÇÃO E INVENTARIAÇÃO NAS CONGADAS DE CATALÃO-GO*

Maria Helena de Paula (Doutoranda; UNESP/CNPq; Lexicologia/Lexicografia)  
Orientadora: Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Propomos discutir como o enfrentamento entre o inventar e o inventariar dos brincadores nas cantigas de Congadas de Catalão-GO, prática afro-popular conhecida em várias regiões brasileiras, identifica o discurso oral coletivo dos brincadores, entoado pelas ruas da cidade nos dias de festa 'a Senhora do Rosário. As cantigas das Congadas catalanas são elementos de identidade social e cultural dos brincadores. Eivadas de crenças religiosas, denúncia social, submissão e subversão histórico-culturais, são formas discursivas que se apresentam curtas e repetitivas e, na maioria das suas realizações no Brasil, apresentam um forte e decisivo expediente contextualizador se se delimitar espacial e temporalmente. Os capitães precisam ser pessoas "de dom" para cumprir a "missão" de inventariar e inventar cantigas a cada ano e evolução dos ternos. Deve ser um bom "puxador" e não apenas saber criar motivos para suas cantigas; deve reportar ao que a tradição oferece como um repertório musical dos brincadores, não distanciando seus temas ou suas fontes temáticas do que comumente se produz enquanto cantigas das Congadas. A inventariação, assim, é um meio de os brincadores se preservarem do que alguns capitães mais velhos dizem ser "essas mudanças tudo daí, pois tudo dimuda". O inventar, então, aproveita o repertório coletivo das Congadas, fazendo os ajustes naquilo que o terno dispõe como inventário, para expressar uma pertença. As cantigas representam o enfrentamento por que passa a cultura afro-popular de expressão; revelam a luta entre o resistir e o ceder, entre o adaptar e o transformar-se totalmente. É sua luta, são seus caminhos para se fazer identidade de um grupo.

*REPENSANDO OS CONTATOS ENTRE BRASIL E ÁFRICA:  
O PORTUGUÊS POPULAR FALADO NAS TERRAS DE PRETO DO MARANHÃO*

Ana Stela de Almeida Cunha (Doutoranda; FFLCH/USP/Fapesp; Línguas Africanas)  
Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

O presente trabalho pretende apresentar uma breve descrição de como se dá o preenchimento da categoria sujeito na variedade popular do português do Brasil (PB) falado em algumas comunidades negras rurais, remanescentes de quilombos, no Maranhão. O objetivo do trabalho é trazer uma contribuição para a atual discussão a respeito da mudança paramétrica pela qual vem passando PB, apresentando dados de uma variedade pouco estudada da língua. Nesta discussão não poderei deixar de lado a questão dos contatos lingüísticos e suas repercussões na deriva das línguas. A metodologia utilizada é a da sociolingüística quantitativa, sendo este um trabalho empírico, baseado na fala de informantes de seis terras de preto por mim visitadas durante pesquisa de campo.

*Mesa 6*

*A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO COMO LUGAR*

Rita Limberti (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Semiótica)

Orientadora: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

Ao chegarem ao Brasil, os europeus lançaram mão de categorias próprias para construir uma realidade abstrata a partir de imagens vagas. Constituíram um lugar “comum”, cuja obscuridade manteve no anonimato elementos que eles, de forma arbitrária, deixaram de discretizar. Num movimento espectral, o espaço foi sendo convertido de lugar em território e de território em nação, sendo que cada categorização se estabeleceu em relação dialética entre si e com o mundo. Estava lançado o germe da globalização. De um lado, uma nação que chegava reproduzida e miniaturizada em três naus; de outro, uma formação social instalada em sua própria história, sua cultura, sua geografia, surpresa com a nova representação de mundo que se lhe descortinava e que, espantosamente, foi capaz de transformar seu lugar em outro lugar, ainda antes de ter transposto seus acidentes geográficos e de ter explorado seus recursos naturais. Enquanto o intrincado quebra-cabeça do globo ganhava mais uma peça com o desenho de uma porção de terra além-mar, a organização social encontrada sobre ela insinuava-se como a peça de um outro jogo, de maior complexidade: o jogo das representações. O mundo, que se apresentava fisicamente mais completo, paradoxalmente revelou-se como sendo uma de suas possibilidades, quase uma virtualidade. Estabelecida a reciprocidade de influências, restou ao colonizador lançar mão de seu poder econômico para, a partir da modificação do espaço alheio, procurar a manutenção e a hegemonia do seu. Nesse contexto e sob essa égide, surge o Brasil como lugar.

*“USUS TE PLURA DOCEBIT” : O USO DA LÍNGUA E ARTES DE GRAMÁTICA*

Ronaldo de Oliveira Batista (Doutorando; FFLCH/USP; Historiografia da Lingüística)

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

Na Lingüística Missionária, é possível apontar em artes de gramática de línguas chamadas de exóticas, dos séculos XVI e XVII, escritas por missionários para outros missionários, o destaque dado ao uso da língua com os falantes naturais (habitantes de terras que seriam colonizadas no prolongamento do processo das Grandes Navegações européias) para a completa aprendizagem de línguas de regiões então desconhecidas, como as terras brasileiras. Nesse sentido, as regras que eram dadas pelos gramáticos poderiam ser relativizadas pela observação do uso da língua, como se apenas regras não fossem suficientes para a apreensão do que era a

'gramática'. Assim, cria-se uma espécie de tensão entre as indicações de regras e a adequação ao uso. Esta apresentação tem por objetivo descrever e analisar alguns dos critérios de descrição lingüística adotados, em relação ao destaque dado ao uso da língua e também em relação a essa espécie de tensão entre regra vs. uso, em gramáticas missionárias, escritas por padres jesuítas, de três das línguas faladas no Brasil colonial (tupi antigo, kiriri e kimbundu).

*ESCRITURAS SAGRADAS, GRAMÁTICA E USO DA LÍNGUA*  
- TEMAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM/LÍNGUA EM SPINOZA (1632-1677)

Erani Stutz do Valle Adamo (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Historiografia da  
Lingüística)

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

Baruch Spinoza (Amsterdã, 1632 – Haya, 1677) viveu na Holanda durante o século de ouro, o XVII. Filósofo que inspirou reações extremas, do ódio à profunda admiração, Spinoza escreveu, entre outras obras, a *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata (in Opera Posthuma, Amsterdã 1677)* e o *Tractatus Theologico-politicus (Amsterdã 1670)*. Em ambas o autor dedica espaço para reflexões sobre a linguagem, abordando o tema sob uma perspectiva específica e coerente com o seu pensamento filosófico. Como parte de seu método, Spinoza propôs que a interpretação das Escrituras Sagradas fosse feita à luz do método histórico-crítico, método que vê o sentido como imanente ao texto (em sua língua original) e acessível ao leitor através da razão. Este trabalho tem por objetivo levantar temas para a reflexão sobre o lugar da linguagem na filosofia de Spinoza, tendo por fontes, além das obras citadas acima, a *Gramática da Língua Hebraica*, publicada nas *Obras Póstumas* em 1677 (*Compendium grammatices linguae hebraeae*).

*SUPERANDO A "ANARQUIA ORTOGRÁFICA": A ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS E A REFORMA ORTOGRÁFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA (1907)*

Maurício Silva (Doutor, FFLCH/USP; Pesquisador do IP-PUC/SP;  
Historiografia da Lingüística)

Coordenação de projeto: Profa. Dra. Neusa Bastos

Os embates em torno da afirmação de um nacionalismo lingüístico no Brasil, que vêm de longa data para desembocarem no século XX, tiveram nas discussões a respeito da ortografia da língua portuguesa uma importante etapa. Descontadas as suas especificidades, o cerne da questão ficava mesmo em torno da necessidade de se estabelecer um sistema ortográfico condizente com as peculiaridades da realidade lingüística brasileira, para que, assim, se pudessem resolver, a um só

tempo, o antigo problema idiomático que se impôs ao país e o anseio por uma independência lingüística que acabava tendo implicações indiretas em nosso caráter nacional. Instala-se, portanto, no Brasil, uma verdadeira questão ortográfica, que tinha na Academia Brasileira de Letras seu principal baluarte, já que a mesma entidade emergia como a mais contundente defensora de uma reforma ortográfica ampla, além de participar ativamente de todas as tentativas de unificação ortográfica entre Brasil e Portugal durante o século XX. Estabeleceu-se, nesse sentido, contundente discórdia entre adeptos e contrários à reforma ortográfica. As primeiras discórdias - tanto entre brasileiros e portugueses quanto entre os próprios brasileiros - já começam com o século que se inaugurava, sobretudo com nosso primeiro projeto de reforma ortográfica, que nasce em 1907, sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras, tendo à frente a figura de Medeiros e Albuquerque. Esta reforma, que foi complementada em 1912, parece ter recebido mais críticas do que aceitação por grande parte dos principais usuários da língua portuguesa. Nosso objetivo nesse trabalho é analisar a referida proposta, destacando aspectos de sua recepção e de sua incidência sobre as discussões posteriores a respeito da ortografia da língua portuguesa e seus projetos de reforma.

*MATTOSO CÂMARA E A TERCEIRA VIA GRAMATICAL:  
UMA TIPOLOGIA (MORFO)SINTÁTICA DO NOME EM PORTUGUÊS*

Angela França (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Historiografia da Lingüística)  
Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

O trabalho a ser apresentado integra-se a um projeto maior, coordenado por Cristina Altman (Universidade de São Paulo), ao qual se associou Marta Luján (Universidade do Texas, Austin & MIT) e que está sendo desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Historiografia Lingüística (CEDOCH-DL/USP). O projeto é um exercício histórico-crítico sobre a estrutura do sintagma nominal em busca da diversidade e da universalidade nas tradições de pesquisa lingüística latino-americanas (Altman 2001). Neste estudo preliminar, (re)visita-se a 'classe dos determinantes' na língua objeto privilegiada por Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904–1970) na maior parte de seus escritos - a variante carioca do português brasileiro, em seu registro culto. Como se sabe, Mattoso Câmara não escreveu uma gramática propriamente dita, a obra *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970) fora encomendada pelos editores como uma "gramática de cunho estruturalista", publicada incompleta devido à morte do autor. Além dessa obra, selecionou-se como material de análise os *Problemas da Lingüística Descritiva* (1971) e *The Portuguese Language* (1972), obra traduzida por Anthony Naro, na qual Mattoso analisou e confrontou o Português e o Latim dos pontos de vista diacrônico e sincrônico. Dar-se-á especial atenção à solução descritiva proposta pelo autor, visando a demonstrar que sua análise ultrapassa o nível puramente observacional



do dialeto em questão, alcança adequação descritiva — estrutural — e, acredita-se, um certo nível de adequação explicativa (não no sentido estrito da gramática gerativa, que envolve a aquisição da linguagem). Desse modo, seu trabalho pode abrir margem para estudos sobre a tipologia do português tanto da perspectiva morfológica, quanto da perspectiva (morfo)sintática, particularmente se auxiliado pelos novos instrumentos teóricos e metodológicos que a Lingüística de hoje dispõe.

*Mesa 7*

*MARCAS DE ENSINO NO CHAT*

Cátia Veneziano Pitombeira (Mestranda; PUC-SP; Lingüística e Informática)  
Orientadora: Profa. Dra. Anise Ferreira

A utilização da Internet vem se expandindo como um recurso favorável para o processo ensino-aprendizagem e, segundo Moran (2000), a Internet é um novo meio de comunicação que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender. Dentre as ferramentas analisamos as marcas de ensino no *chat* do curso de Leitura Instrumental em Inglês via Internet oferecido no primeiro semestre de 2002. Este curso foi oferecido gratuitamente a professores da rede pública como parceria da PUC-SP e da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. É relevante verificar marcas do ensino presencial no ambiente virtual e mesmo sem a interação face a face percebemos que a interação também acontece, há muitos autores, dentre eles Collison et al (2000) e Mc Cormack (1997), que afirmam que não é simplesmente a presença física que garante a interação, visto que não é o meio que a propaga, mas, sim, o método de ensino, isto é, da abordagem do instrutor e o modo pelo qual os alunos são encorajados a participarem. A escolha da verificação das marcas de ensino em *chat* ocorreu pelo fato de ser uma ferramenta síncrona assim como acontece na aula presencial e também pelo fato de registro, uma vez que propicia uma análise de conteúdo com base em texto escrito pelo instrutor e os próprios participantes do curso. Acreditamos na importância deste estudo para futuros instrutores e designers de cursos *on-line*.

*SEMIÓTICA E INTERNET: ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISE DE SITES*

Nilton Hernandes (Doutorando; FFLCH/USP/Fapesp; Semiótica)  
Orientadora: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

Como mídia recente, e em constante mudança, a Internet é um grande desafio para quem deseja analisar suas várias possibilidades de comunicação e de produção de sentido. No trabalho, propomos algumas bases iniciais e gerais de estudos de sites. Utilizamos como ferramenta a semiótica francesa, atualizando certas reflexões. É o caso, por exemplo, das “notícias” estampadas em homepages, que alargam a noção jornalística do termo e servem para construir efeitos de atualidade. Também discutimos um delicado ponto de equilíbrio que cada site busca entre necessidades estéticas e utilitárias do público-alvo. Outra questão abordada, que julgamos importante, é a procura incessante de novas tecnologias, notadamente para imagens em movimento, caso do Flash, da empresa Macromedia. Esses recursos constroem

efeitos como o de modernidade e se amparam no casamento entre ciência e mídia que tanto desperta a atenção nos seus constantes aperfeiçoamentos.

*ANÁLISE DE UM CONTO MACHADIANO ATRAVÉS DA LINGÜÍSTICA INFORMÁTICA*

Daniela Fregonese Bragazza (Doutoranda; FFLCH/USP; Lingüística e Informática)  
Orientadora: Profa. Dra. Zilda Maria Zapparoli

Através da utilização de um programa que está a serviço da descrição e análise de textos como ferramenta de armazenamento, processamento e recuperação das informações textuais, esta comunicação propõe apontar algumas vantagens e contribuições da utilização da informática na análise de dados lingüísticos. De um *corpus* constituído por oito contos machadianos, das obras *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias Histórias* (1896) e *Páginas Recolhidas* (1899), tomamos o conto "D. Benedita" e apresentamos uma breve análise das resultantes obtidas. O programa utilizado, o STABLEX, vem sendo apontado, por diversos estudos, como bastante indicado para a análise de textos. Desenvolvido por André Camlong e Thierry Beltran (Universidade de Toulouse II, versão 2.0, para Macintosh), destaca-se por ter sido especialmente elaborado para esse fim, estar calcado em um método específico para a análise textual e ser compatível com outros programas, facilitando o gerenciamento de informações. Por estar a serviço da descrição e análise de textos, o método facilita e orienta a interpretação e o estudo do conto, fornecendo-nos um banco de informações com propriedades quantitativas, em que o diálogo entre os valores numéricos e os elementos textuais é constante. Graças à potência da informática, torna-se possível a obtenção de informações que nos permitem uma rápida e eficiente apreensão da temática textual, bem como a observação da tendência do vocabulário. Assim, o estudo da constituição lexical dos textos é embasado por tratamento matemático-estatístico-computacional e revela-se um importante instrumento para nossa pesquisa.

*A CONSTRUÇÃO DOS ATOS DE NEGAR EM ENTREVISTAS TELEVISIVAS:  
UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DO FENÔMENO EM PLM COM APLICABILIDADE EM PLE*

Adrianna Ferreira de S. de Albuquerque (Doutoranda; PUC-RJ; Português para Estrangeiros: descrição e ensino)  
Orientadora: Profa. Dra. Rosa M. de Brito Meyer

O tema desta pesquisa, desenvolvido no programa de Estudos da Linguagem da PUC-Rio, na área de Português para Estrangeiros: descrição e ensino, é a realização dos atos de negação em entrevistas televisivas. Pretendemos identificar, descrever e analisar as estratégias envolvidas nos modos de expressão dos atos de

negar em um programa de entrevistas, “Sem Censura”, veiculado pela TV Cultura do Rio de Janeiro. É nossa intenção identificar, descrever e analisar as formas de realização das estratégias discursivas relativas aos atos de negar e interpretar os motivos da escolha das referidas estratégias utilizadas pelos falantes nativos na construção de atos de negar, diretos ou indiretos. Os pressupostos teóricos dessa pesquisa estão inseridos nos estudos desenvolvidos pela Sociolinguística Interacional - a partir das noções de face e self (cf. Goffman, 1989[1967] e 1959; Markus & Kitayama, 1991) e de estratégias de polidez (cf. Brown & Levinson, 1987) - pela Análise da Conversação - a partir das noções de concordância e discordância (cf. Pomerantz, 1984; Freitas, 2000; Stalpers, 1995), evasão discursiva (cf. Galasinski, 1996) e emoção no discurso (cf. Tannen, 1989; Bloch, 1996) - e pela Antropologia Social - a partir das dicotomias indivíduo/pessoa, igualdade/hierarquia e casa/rua (cf. DaMatta, 1997 [1979], 1987a, 1984, 1987b). Esta abordagem interdisciplinar se revelou adequada aos nossos objetivos uma vez que os conceitos utilizados pelas referidas áreas abrangem aspectos relacionados à linguagem, à sociedade e à cultura, conceitos estes fundamentais para a identificação dos modos de realização dos atos de negar e para a interpretação dos motivos que levam o falante nativo do português do Brasil a escolher determinadas estratégias discursivas em um contexto de entrevista. A identificação e análise dos aspectos envolvidos nos atos de negar são feitos a partir de três objetivos macros a serem alcançados: o primeiro de caráter descritivo, o segundo de caráter interpretativo e o terceiro de caráter pedagógico. Este último é direcionado, sobretudo, ao ensino de português como língua estrangeira (PLE).

#### CHAT, FORMULAÇÃO DE IDENTIDADES E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Ida Maria da Mota Rebelo (Pós-Graduação; PUC-RJ; Descrição e Ensino de Línguas)  
Orientadora: Profa. Dra. Rosa M. de Brito Meyer

Entre os recursos disponíveis na Internet que possibilitam a interação entre dois ou mais participantes pela modalidade escrita escolhemos o *chat*, ou sala de conversa, para realização de uma atividade piloto com estudantes universitários aprendendo português como segunda língua. Um dos objetivos é verificar as estratégias lingüísticas postas em prática em situação de aprendizagem do Português Língua Estrangeira com a utilização de literacias computacionais.

As estratégias lingüísticas e pragmáticas em uso nas trocas *on-line* variam de língua para língua e isso obriga o participante a usar seus conhecimentos na língua-meta de forma eficiente para se fazer ratificar pelos outros participantes. Buscamos suporte teórico na antropologia lingüística (Singer, 1998; Bennett, 1993), na prática exploratória (Allwright, 1999), em estudos sobre o uso de computadores para o ensino (Kern, 2000; Motta-Roth, 2001), bem como na análise da conversação (Dionísio, 2001; Ochs, 1993), entre outros.

*Mesa 8*

*A QUESTÃO DAS CONDUTAS METALINGÜÍSTICAS NOS ENUNCIADOS HUMORÍSTICOS INFANTIS*

Alessandra Del Ré (Doutoranda; FFLCH/USP; Psicolingüística)  
Orientadora: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Dentro da psicolingüística, a palavra metalingüística é considerada por alguns autores - como Gombert (1990), por exemplo - como sendo uma capacidade, por parte do falante, de refletir, estabelecer relações, abstrair e raciocinar. Desse modo, falar em atividade metalingüística é atestar um conhecimento consciente da língua: reformulações espontâneas da própria fala (auto-correções), correções sobre a fala do outro e jogos verbais (Clark, 1978, Hakes, 1980 e Kess, 1992). Mas quando se trata da criança pequena, (a) pode-se dizer que sua fala já exhibe uma atividade (metalingüística) sobre o objeto lingüístico no momento em que ela produz enunciados com tom humorístico? (b) Existe intenção por parte dela em produzi-los? (c) Até que ponto a noção que se tem de humor (adulto) se aplica à criança? Para responder a essas questões, pretendemos, neste trabalho, observar os efeitos humorísticos que foram produzidos em situações de interação da criança com o adulto e que resultaram de enunciados provenientes de condutas metalingüísticas. Os diálogos foram extraídos de um estudo longitudinal (um ano) realizado com uma criança que, no início da pesquisa, possuía 3 anos e 10 meses. Neste processo de co-construção dialógica, nos interessa a maneira como a criança constrói os enunciados que provocam o riso na própria criança e/ou seu interlocutor durante a situação interativa e detectar, a partir da análise dessas situações, em quais condições surgem essas seqüências humorísticas.

*CONSCIENTIZAÇÃO PRAGMÁTICA  
PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA*

Maria Alice Venturi (Doutoranda; FFLCH/USP/CNPq; Aquisição/  
Aprendizagem/Ensino)  
Orientadora: Profa. Dra. Lélia Erbolato Melo

Este estudo sobre a pragmática ressaltará a importância do ensino explícito do conhecimento pragmático no ensino-aprendizado de uma língua estrangeira. Continuaremos defendendo aqui a necessidade de conscientizar o aluno dos aspectos pragmáticos, focalizando a atenção na forma-função e nos traços contextuais relevantes, entendendo, portanto, que o simples contato com um insumo lingüístico adequado pode não ser suficiente para a aquisição, visto que muitas das realizações lingüísticas das funções pragmáticas, muitas vezes não são percebidas pelos alunos.

Admitindo que a aprendizagem de língua estrangeira pressupõe uma atividade interativa, é importante que o aluno seja capaz de compreender e identificar as intenções comunicativas nas formas de dizer e no modo de expressão da língua que está sendo aprendida. Neste sentido, Tomasello (1992, 2000) lembra que as crianças precisam conhecer e perceber as regras sociais e cognitivas que lhes permitam entender as intenções comunicativas dos outros em diferentes situações interativas. Na perspectiva do aprendizado de uma língua estrangeira diríamos então que tais reflexões são pertinentes e necessárias, principalmente nas primeiras fases de estudo. Assim, acreditando que a sala de aula pode vir a fornecer uma verdadeira contribuição para a conscientização pragmática, na medida em que vai além do simples reconhecimento de que existe um nível léxico-gramatical, a intenção é ilustrar o que foi dito até agora apresentando e comentando um exercício feito num momento de aprendizado do italiano por adultos, em que se observa um conjunto de habilidades que nos leva a pensar também numa 'competência (inter) cultural'.

*A AQUISIÇÃO DOS DATIVOS NÃO ARGUMENTAIS  
EM ESPANHOL POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO*

Renata Maria de Barros (Mestranda; FE/USP; Aquisição/Aprendizagem/Ensino)  
Orientadora: Profa. Dra. Isabel Gretel Eres Fernández

Nesta comunicação, pretende-se fazer uma breve reflexão sobre alguns temas da aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras, tais como interlíngua, análise de erros e gramática universal, centrando-se no caso Espanhol/Português. Apresentar-se-á um estudo inicial sobre alguns dativos não argumentais do espanhol e sua aquisição por falantes do português brasileiro a partir de uma pesquisa de campo realizada com estudantes brasileiros adultos. Tal pesquisa consistiu na aplicação de dois questionários compostos por pares de fragmentos extraídos de "El habla de la ciudad de Madrid", em que continham ou não alguns dativos objetos de estudo. No primeiro questionário, o aluno escolheu um dos fragmentos propostos (com ou sem dativo) e, no segundo, ele escreveu sobre as diferenças de sentido existentes entre os dois fragmentos. No total, foram aplicados trinta e quatro questionários em uma sala de básico II, intermediário II e avançado II. Os dados revelam que há uma relativa aceitação dos dativos em espanhol pelos estudantes, entretanto, tal aceitação se dá mais quando seria possível estabelecer alguma função concreta para o pronome dentro da oração, como por exemplo a de um possessivo. Tal interpretação é corroborada por algumas explicações dos alunos para a não utilização do pronome, tais como: "tal pronome não é necessário, já há um objeto, ele está sobrando". Isso nos permite fazer algumas breves considerações a respeito da cultura do ensino e aprendizagem de línguas no Brasil, em que se privilegia aspectos normativos e sintáticos, em detrimento de aspectos discursivos ou pragmáticos.

*A EMERGÊNCIA DO SUJEITO NO PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA*

Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (Doutoranda; IEL-UNICAMP; Análise do Discurso)  
Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

O presente projeto “A emergência do sujeito no processo de textualização em espanhol” considera que no contexto escolar com o qual operaremos em nossa análise, a língua (materna ou segunda) é considerada um conjunto de formas homogêneas e a escrita a reprodução possível dessa homogeneidade. Soma-se a isso, a crença em um sujeito homogêneo e centrado. Considerando-se as mencionadas condições de produção, e ainda, as concepções de língua e de sujeito, propomos analisar como se configura o processo de textualização em uma segunda língua (o espanhol), no contexto escolar que selecionamos. Assim sendo, com tal finalidade nos interessa examinar a constituição do autor, a partir do que se denomina “indícios de autoria”. Esses indícios revelam como as diferentes posições que o sujeito ocupa no discurso entram em tensão com a posição-sujeito legitimada para configurar e fixar determinados sentidos. O autor embora produza um efeito de unidade (o texto), é efeito dos interdiscursos que o atravessam e de um posicionamento no interior da heterogeneidade do discurso. Tratar dos indícios de autoria implica problematizar, por um lado, uma unidade (o autor) e, além disso, por outro lado, operar com o deslocamento constante do sujeito no discurso, a partir da análise e interpretação das relações entre posição-sujeito e interdiscursos.

*TERMOS E CULTURA – O CAJU E O COCO NA CULINÁRIA MOÇAMBICANA*

Fátima Helena Azevedo de Oliveira (Doutoranda; UFRJ/CNPq; Lexicologia e Lexicografia)  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília Barcellos da Silva

O estudo dos termos reflete as diferentes idiossincrasias que marcaram a formação étnica da comunidade. O acervo terminológico das receitas culinárias moçambicanas é formado por unidades estáveis em português, sendo também o receptáculo de termos das línguas e dialetos do tronco banto. Em decorrência disso, a terminologia das receitas reflete um amálgama cultural característico de um país em que o bilingüismo predomina. Partindo do princípio de que a terminologia se constitui um traço diferenciador marcante, no que diz respeito à variação lingüística, este trabalho analisa aspectos da simbologia dos termos caju e coco na criação da identidade nacional do povo moçambicano através das receitas culinárias.

## Mesa 9

*DO DISCURSO ORAL DE RAIZ AFRICANA AO TEXTO LITERÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA:  
LÍNGUA, LITERATURA E IDEOLOGIA NO CONTO/CONTAR DE BOAVENTURA CARDOSO*

Michelle Gomes Alonso Dominguez (Mestranda; UFRJ; Análise do Discurso)  
Orientadora: Profa. Dra. Leonor Werneck dos Santos

Pela constituição basicamente ágrafa da sociedade angolana e pelo domínio e imposição lingüísticos exercidos pelos portugueses durante a colonização, a oralidade é tradicionalmente concebida, em Angola, como principal meio de transmissão de cultural. Junte-se a isso a dificuldade de sistematização do código em um contexto multilíngüe e a escassez dos conhecimentos de que se dispõe sobre a ação discursiva entre os povos de origem bantu, e tem-se um vasto universo a pesquisar. Assim, este trabalho visa refletir sobre a relação entre língua, literatura e ideologia através do(s) modo(s) de transposição do discurso oral de raiz africana para um texto literário em língua portuguesa, atentando para suas implicações e conseqüências. Deve-se, no entanto, fazer a seguinte ressalva: não se trata de observar apenas a oralização de um texto escrito, mas sim de pensar as estratégias lingüísticas que permitem o funcionamento da lógica do pensamento tradicional em uma língua marcada pela escrita e pela síntese de significados. A hipótese reconhecida aqui é a de que a ideologia encontra-se inscrita na língua. De maneira que, se é a língua o instrumento do fazer literário, as opções estilísticas do autor (seleção e organização do material lingüístico) estão intrinsecamente relacionadas à ideologia. No intuito de responder a tais questões, servirão de apoio alguns contos de Boaventura Cardoso, um escritor angolano, cuja produção está inserida no contexto das literaturas pós-coloniais.

*EPÍJETOS DE HELENA E PÁRIS EM ALEXANDRA DE LICOFRON – PARTE I*

Érika Pereira Nunes (Mestranda; FFLCH/USP/Capes; Filologia)  
Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa

Licofron de Calcis, cidade da Eubéia, poeta alexandrino e bibliotecário na biblioteca do Museu de Alexandria fundado pelos Ptolomeus, teria escrito diversas tragédias, cujos títulos estão listados na Suda (v. Lycophron), e também dramas satíricos, tradição mantida por outros comentadores, que não sobreviveram até os dias atuais. De sua vasta obra, apenas um monólogo dramático obscuro, intitulado Alexandra ou Cassandra, foi preservado, no qual a própria profetisa, dirigindo-se a Príamo, anuncia suas profecias acerca de Tróia e do futuro dos gregos. As edições



desse texto baseiam-se em diversos manuscritos e escólias, destacando-se os prolíferos comentários de Iohannes Tzetzes do século XII, que procuram esclarecer e até elucidar certas passagens, cujas interpretações e o próprio entendimento não são precisos. Tal problemática ainda se mantém atualmente, já que não apenas os mitos e nomes das personagens, mas também muitas palavras não são referidas por outros autores antigos, o que dificulta o trabalho dos editores e comentadores modernos, não familiarizados com esses modelos. Em cima do texto grego, buscar-se-á, então, em duas partes, realizar uma análise filológica dos epítetos referentes a Helena e Páris na obra *Alexandra* de Licofron.

### *EPÍTETOS DE HELENA E PÁRIS EM ALEXANDRA DE LICOFRON – PARTE II*

Alisson Alexandre de Araújo (Mestrando; FFLCH/USP/Fapesp; Filologia)  
Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa

Licofron de Calcis, cidade da Eubéia, poeta alexandrino e bibliotecário na biblioteca do Museu de Alexandria fundado pelos Ptolomeus, teria escrito diversas tragédias, cujos títulos estão listados na *Suda* (v. *Lycophron*), e também dramas satíricos, tradição mantida por outros comentadores, que não sobreviveram até os dias atuais. De sua vasta obra, apenas um monólogo dramático obscuro, intitulado *Alexandra* ou *Cassandra*, foi preservado, no qual a própria profetisa, dirigindo-se a Príamo, anuncia suas profecias acerca de Tróia e do futuro dos gregos. As edições desse texto baseiam-se em diversos manuscritos e escólias, destacando-se os prolíferos comentários de Iohannes Tzetzes do século XII, que procuram esclarecer e até elucidar certas passagens, cujas interpretações e o próprio entendimento não são precisos. Tal problemática ainda se mantém atualmente, já que não apenas os mitos e nomes das personagens, mas também muitas palavras não são referidas por outros autores antigos, o que dificulta o trabalho dos editores e comentadores modernos, não familiarizados com esses modelos. Em cima do texto grego, buscar-se-á, então, em duas partes, realizar uma análise filológica dos epítetos referentes a Helena e Páris na obra *Alexandra* de Licofron.

### *AMBIGÜIDADE E TRADUÇÃO NOS CONTOS DE “IL COLOMBRE”, DE DINO BUZZATI*

Karina Jannini (Mestranda; FFLCH/USP/CNPq; Tradução)  
Orientadora: Profa. Dra. Lucia Wataghi

A partir da antologia de contos “*Il Colombre*”, de Dino Buzzati, pretende-se discutir a questão da ambigüidade e seus efeitos na tradução do italiano para português. Conhecido por seus contos e romances fantásticos, Dino Buzzati costuma construir seus textos com estruturas aparentemente simples, mas que, na verdade

implicam recursos mais complexos. O conto “*all’ergastolo*”, que serve de ponto de partida para a análise da ambigüidade, é um exemplo típico. O uso de desembreagens e o apagamento das marcas do discurso do outro são algumas das estratégias empregadas pelo autor para criar uma dupla leitura. Uma vez que se acredita que as ambigüidades criadas pelo autor visam justamente à multiplicidade de leituras, na tradução, buscou-se manter a mesma intenção. Todavia, a manutenção da ambigüidade na língua de chegada muitas vezes requer que se privilegie algumas figuras em detrimento de outras, não tão enfatizadas no original. Sendo assim, optou-se por partir da semiótica greimasiana para demonstrar não apenas a construção de tais leituras, mas também a variação de isotopia que elas acarretam na tradução.

#### *ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS EPOPÉIAS INDIANAS E AS EPOPÉIAS GREGAS*

Roberto do Carmo Rocha (Doutorando; FFLCH/USP/Capes; Sânscrito)  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto da Fonseca

O objetivo deste trabalho é examinar passagens diversas das epopéias gregas (Iliada e Odisséia), que cremos estarem relacionadas às epopéias indianas (Mahabharata e Ramayana). Em relação à metodologia nos domínios da literatura comparada, procuraremos seguir as propostas de Jan B. Corstius e outros teóricos (principalmente H. Levin, W. Friederich e J. Kristeva). O exame dos textos em questão terá início com um estudo de seus respectivos contextos de produção. Em seguida, desenvolveremos um estudo da história das relações entre Índia e Grécia, antes e depois da invasão de Alexandre, que compreende os séculos V a.C. até o séc. V d.C., período em que os textos indianos estiveram em longa e lenta preparação. Esse exame servirá de base para a elaboração de duas linhas de comentários: uma delas referente a uma identificação de possibilidades de empréstimos feitos pelos indianos; e uma outra, relativa a um fundo tradicional indo-europeu anterior à dispersão desse povo. Certamente, nesse empreendimento, precisaremos rever as obras de importantes estudiosos do assunto, tais como Max Müller e Georges Dumézil. Esperamos, com esse trabalho, contribuir para uma melhor apreciação dos respectivos méritos dessas grandes obras.

#### *A TRADUÇÃO E O ELEMENTO CULTURAL NA POESIA*

Sandra Helena Correia Monteiro (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Tradução)  
Orientador: Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais

Diversas correntes de tradução têm se seguido umas às outras, definindo seus preceitos acerca do ato tradutório e, assim, muitas vezes tocando em áreas como a língua, a cultura, e a arte, entre outras. Este trabalho está centrado nas dimensões

cultural e lingüística, mas não na artística do ato tradutório. Discutiremos toda a complexidade envolvida em tal ato especialmente no que tange à tradução de termos marcadamente culturais em textos poéticos. Entretanto, nossa análise não está restrita à contrastividade entre línguas e culturas, pois as noções de contigüidade e dialogicidade estão implicadas pela interface que naturalmente existe entre língua e cultura. Exemplificando nossas colocações com o tratamento dado, numa versão para o Inglês de "Morte e Vida Severina", aos itens normalmente reconhecidos como nordestino-brasileiros, pautamo-nos pelos modelos e achados científicos oferecidos por Aubert: 1995/1998.

## Mesa 10

## O REDOBRAMENTO DE CLÍTICO NO CONTEXTO

## DE ESTRUTURAS DE ACUSATIVO PREPOSICIONADO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

Alba Verona Brito Gibrail (Mestranda; IEL-UNICAMP; Teoria da Gramática)  
Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie C. Galves

Dados de autores que integram o Corpus Tycho Brahe revelam haver no português clássico a formação concomitante de estruturas de redobramento de clítico e de estruturas de acusativo preposicionado. A semelhança dos ambientes sintáticos na formação dessas estruturas me leva a assumi-las como formas variantes de manifestação de um único fenômeno lingüístico. Há formação de estruturas de redobramento de clíticos acusativos com pronomes pessoais, com pronomes de tratamento e com pronomes indefinidos. 1. ... diminua-os Vossa Alteza a elles ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 54 ) 2. Deus nos guarde a nós, e nestes próximos se cumpra sua santa vontade. ( A Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 170 ) 1.... por servi-los e vê-los a Vossas Mercês ... ( F. M. de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 130 ) 2. Quis a natureza orná-la a V. daquelas graças exteriores ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76 ) 1. ... que os tratavam de os matar a todos ... ( D. Couto; séc. XVI; p. ). Estes mesmos objetos são encontrados em estruturas de acusativo preposicionado sem redobramento de clítico. 1. Deus vos depare, senhor, a vós guarde, depois de deparado. ( F. M. de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 32 ) 2. ... quero convencer a Vossa Reverendíssima e mostrar-lhe ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 43 ). 3. ... confiado na providência Divina, repartia francamente tudo por eles e consolava a todos. ( L. de Souza; séc. XVI; p. 34 ). Não há no português clássico formação de estruturas de redobramento de clítico acusativo com sintagmas nominais. Com clítico dativo, este tipo de estrutura tem uso regular e freqüente naquela gramática. 1. ... foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 210 ). 2. E que lhe importou a Daniel esta tão triste interpretação? ( A Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p. 56 ). 3. Por isso aos Anjos lhes sobejam para explicar-se os conceitos... ( F. M. de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 136 ). Proponho que as estruturas de acusativo preposicionado com objetos com o estatuto de sintagmas nominais são formas variantes de estruturas de redobramento de clítico acusativo, com clítico fonologicamente não realizado. Diacronicamente, a manifestação das estruturas de redobramento de clítico acusativo no português clássico se assemelha à manifestação das estruturas de acusativo preposicionado. Em condições semelhantes às estruturas de acusativo preposicionado, as estruturas de redobramento de clítico acusativo têm uso mais acentuado e abrangente no português do séc. XVII. No português do séc. XVIII, ambas as estruturas apresentam freqüência menor de ocorrência. No séc. XIX, essas estruturas lingüísticas deixam de ser de domínio daquela gramática.

*Fenômenos relacionados à ergatividade em Timbira-Apãniekrá*

Flávia de Castro Alves (Doutoranda, IEL-UNICAMP/CNPq; Línguas Indígenas)

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

A língua Timbira é falada pelos povos Apãniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Krejê, Krikatí, Kokujrekatejê, Parkatejê e Pykobjê. Do ponto de vista da Antropologia, a unidade Timbira é tão evidente que nunca foi colocada em dúvida por ninguém que se ocupou seriamente do assunto (Nimuendajú:1946). Todos esses povos apresentam como características comuns a língua, o corte de cabelo, a morfologia da aldeia (circular) e a corrida com toras. O termo "ergatividade" é usado para descrever um padrão gramatical no qual o sujeito de uma sentença intransitiva é tratado da mesma maneira que o objeto de uma sentença transitiva, e diferentemente do sujeito transitivo. No entanto, os estudos sobre sistemas de marcação de caso, no nível morfológico, mostram que o que se encontra nas línguas é uma mistura dos sistemas ergativo e acusativo. Essas cisões, segundo Dixon (1979, 1994), seriam condicionadas por um conjunto de fatores que podem estar relacionados com a natureza semântica de qualquer um dos vários tipos de componentes obrigatórios da oração - verbo, NPs, tempo, modo ou aspecto. O Timbira-Apãniekrá apresenta um sistema de ergatividade cindida no nível da marcação morfológica. O contraste ergativo / acusativo é manifestado através da escolha das marcas de pessoa e, no caso de NPs nominais, que são marcados pela posposição tE do caso ergativo. Mas, ao contrário das minhas previsões anteriores sobre os fenômenos que desencadeiam ergatividade, a variável funcional que condiciona essa cisão não se resume na língua a questões de tempo e aspecto. Para esta comunicação, estarei apresentando as características do sistema acusativo e ergativo da língua, e quais os fenômenos que ocorrem em Timbira-Apãniekrá que acionam o sistema ergativo.

*A DUPLA NEGAÇÃO EM PYKOBYÊ E OS TEMPOS VERBAIS*

Rosane de Sá Amado (Doutoranda; FFLCH/USP/Fapesp; Línguas Indígenas)

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

O Gavião Pykobyê é uma língua indígena que faz parte do complexo Timbira ao qual pertencem também o Gavião Parkatejê (PA), o Canela Apãniekrá (MA), o Canela Ramkokamekrá (MA), o Krikati (MA), o Krejê (MA), o Krahô (TO) e o Apinajé (TO). O Pykobyê é falado pela tribo homônima, mais conhecida como Gavião do Maranhão, dividida em três aldeias - Governador, Rubiácea e Riachinho - situadas no município de Amarante, sul do Maranhão. O presente estudo é resultado de um aspecto que tem sido trabalhado no projeto de doutorado desta pesquisadora sobre a interface fonologia/morfologia do Pykobyê. Analisando as formas verbais e suas variações fonológicas decorrentes de aspectos morfossintáticos, a

pesquisadora encontrou uma peculiar construção negativa, obrigatória no Pykobyê, e que parece não ocorrer sistematicamente nas demais línguas Timbira: uma dupla negação. O Pykobyê apresenta a construção sintática Sujeito - Objeto - Verbo sendo possível encontrar, após o verbo, poucas palavras como advérbios e adjetivos quantitativos, a maioria desses podendo estar posicionados também entre o sujeito e o objeto. Entretanto, a uma classe específica de palavra não é permitido o deslocamento para a posição entre o sujeito e o objeto - o advérbio de negação. A partícula 'no:re'do Pykobyê, e as suas correlatas nas demais línguas Timbira, representa a marca de negação típica nessas línguas. Entretanto, no Pykobyê, a presença de uma outra partícula é obrigatória nas sentenças negativas - o 'ne:'. Este estudo tratará sobre a presença dessa dupla negação e suas conseqüências nas mudanças dos tempos verbais.

*ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS  
SOBRE A TIPOLOGIA DE "PERGUNTAS QU" EM TAPIRAPÉ*

Walkíria Neiva Praça (Doutoranda; Universidade de Brasília; Línguas Indígenas)  
Orientador: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Tapirapé é uma língua indígena falada vivamente por cerca 500 índios que vivem atualmente em duas áreas indígenas ao longo do rio Tapirapé, afluente ocidental do Araguaia, em Mato Grosso. Pertence ao subconjunto IV da família Tupí-Guaraní, que inclui também o Asuriní do Tocantins, o Parakanã, o Avá Canoeiro, o Tembê, o Suruí e o Guajajara, Rodrigues (1985). O objetivo deste estudo é descrever as sentenças interrogativas em Tapirapé com base na proposta de Cheng (1991), que aponta dois tipos de línguas com relação às perguntas QU: (i) línguas com movimento sintático QU, e (ii) línguas in-situ, isto é, sem movimento sintático. Dado que em Tapirapé, sintagmas QU ocorrem in-situ – em posições argumentais – e na periferia à esquerda, e visto que, segundo Cheng (1991) não existem línguas de tipologia mista, neste trabalho proponho que Tapirapé seja uma língua in-situ.

*Mesa II*

*GRAMÁTICA, LÍNGUA, CÓDIGO E USO: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO*

Adail Ubirajara Sobral (Doutorando; LAEL-PUC-SP/CNPq; Análise do Discurso)  
Orientadora: Profa. Dra. Elisabeth Brait

O problema da gramática, da língua e de suas tendências, mesmo as que se queiram julgar espúrias, envolve o fato de certos teóricos e práticos se arrogarem autoridade e, mais do que isso, de se julgarem detentores das únicas respostas válidas. Vêm-se por aí pessoas especializadas em estudar a linguagem na sala de aula que não conhecem a realidade da sala de aula comum do Brasil, mas só a de sua academia. E pessoas que conhecem essa realidade mas sofrem na academia porque dominam mal os códigos acadêmicos e a própria norma. Como unir esses dois universos para melhorar o que interessa, a situação da sala de aula? Este trabalho faz algumas considerações, do ponto de vista da teoria dialógica de Bakhtin, sobre o problema da variação lingüística e da gramática, da política lingüística, do academicismo e do militantismo em defesa das variedades lingüísticas. Apresenta alguns fatos relativos à necessidade de defender ora a monoglossia ora a heteroglossia em diferentes contextos históricos. Além disso, discute a necessidade de levar em conta o uso como o código lingüístico, propondo uma redefinição da própria noção de sistema lingüístico a fim de incluir igualmente os usos da linguagem: propõe que o sistema da linguagem compreende o sistema lingüístico, vinculado com o significado, e o sistema do uso lingüístico, vinculado com o sentido. Complementam-no algumas idéias sobre a aceitabilidade social de formas lingüísticas do ponto de vista da inserção social específica dos sujeitos envolvidos - a fim de demonstrar que o exercício da expressão lingüística é sempre interessado, vindo de locutores situados social e historicamente a dirigindo-se a alocutários igualmente caracterizados dessa maneira.

*A IMPORTÂNCIA DO INGLÊS INSTRUMENTAL*

*E AS NECESSIDADES DOS ALUNOS DO CURSO DE TURISMO: TEORIA E PRÁTICA*

Juliana Belmonte (Mestranda; PUC-SP; Lingüística Aplicada)  
Orientadora: Profa. Dra. Rosinda de Castro Guerra Ramos

Este trabalho insere-se na área de ensino instrumental de línguas, tendo o inglês como língua estrangeira. Tal trabalho é parte integrante de um projeto maior em andamento cujo objetivo é apresentar uma breve discussão sobre o conceito do Inglês Instrumental e sua importância para um curso de Turismo. Através de uma análise de necessidades foi possível detectar algumas das principais tarefas que os

turismólogos executam utilizando a língua inglesa bem como as habilidades (leitura, fala, escrita e compreensão) mais solicitadas para o desenvolvimento das mesmas. Pretende-se ainda sugerir uma atividade utilizando um gênero bastante comum da área e que será utilizado pelos alunos de Turismo em situação alvo. A atividade foi elaborada com base na proposta pedagógica de Ramos (2000) para a implementação de gêneros na sala de aula, proposta essa que se divide em três partes: familiarização, exploração e aplicação do gênero em questão. Essa atividade já foi aplicada com sucesso nas turmas de Turismo da universidade a qual leciono a disciplina língua inglesa. Hutchinson & Waters (1987) e Ramos (2000) fornecem as bases teóricas para a compreensão desse trabalho. Espero com essa apresentação ajudar e motivar cada um dos participantes a utilizarem essa minha sugestão de atividade para ser feita em sala de aula com os alunos do curso de Turismo ou, fazendo as devidas adaptações, com outros cursos e alunos.

#### *USOS E NORMALIDADES DE ANGLICISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA*

Vânia Aparecida Calderoni da Silva (Mestranda; FFLCH/USP; Lexicologia e  
Lexicografia)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

A partir de uma seleção constituída de 30 palavras/termos ingleses que veiculam no léxico português, esse trabalho propõe analisar seus usos e normalidades quanto ao aspecto escrito da língua. Para isso, primeiramente, torna-se necessário observar se esses termos/palavras estão normalizados em dicionários da língua de adoção e a partir disso, analisá-los em contextos com o objetivo de verificar até que ponto seus referidos usos estão ou não normalizados também na língua corrente. De acordo com a alta frequência de seus usos, esses anglicismos atingem o nível da língua escrita e transitam normalmente no sistema lingüístico português. É exatamente por causa dessa ocorrência que são selecionados para essa pesquisa. Notamos que as palavras/termos estudados e outrora apresentados pertencem, na sua maioria, a textos das linguagens de especificidades e de áreas diversas, mostrando que a escrita é um processo histórico complexo resultante, muitas vezes, dessa transferência tecnológica e da necessidade de se adaptar a outros e novos sistemas lingüísticos. Os dicionários de Aurélio e Houaiss auxiliam nas análises de normalidades, pois representam instrumentos lingüísticos que interpretam usos os quais refletem a revolução tecnológica que se situa o idioma português no panorama atual. Outros lingüísticos que interpretam usos os quais refletem a revolução tecnológica lingüística que situa o idioma português no panorama atual.



*O PROFESSOR CONTANDO ESTÓRIAS — A LEITURA  
DOS GESTOS COMO ESTRATÉGIA PARA A COMPREENSÃO ORAL*

Patrícia Torres Azevedo (Mestranda; LAEL-PUC-SP; Aquisição/Aprendizagem/  
Ensino)

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Madureira

Esta pesquisa nasce da e para a situação de ensino aprendizagem de língua estrangeira, tendo como foco de estudo o uso dos gestos vocais e corporais do professor como ferramenta didática ao contar estórias em sala de aula, com o objetivo de melhorar a compreensão oral do aluno. O estudo a ser realizado tem como base fundamentos da fonética descritos por Laver (1991) e da cinésica apresentados por Rector e Trinta (1999) para a consideração dos aspectos supra-segmentais da fala e dos movimentos corporais que acompanham a mesma. Um dos objetivos desta pesquisa e a introdução do contar estórias em sala de aula, como um recurso didático utilizado pelo professor para desenvolver a compreensão oral dos alunos. Outro ponto a ser investigado e como a expressão corporal e vocal do professor pode contribuir para a compreensão oral do aluno em sala de aula. Por fim, pretendo também observar se as variações de voz do professor bem como o uso de seus gestos, expressões faciais, olhar e movimentação podem ser utilizados como recurso didático para despertar e manter o interesse dos alunos pela atividade proposta. Um dos motivos que me levou a desenvolver tal pesquisa e a pouca exploração do tema na literatura de ensino aprendizagem de língua estrangeira. Esta pesquisa será um estudo de caso de abordagem qualitativa interpretativista, tendo como sujeitos um professor um grupo de alunos de uma escola de inglês.

*Mesa 12*

*DO USO À SISTEMATIZAÇÃO DE UMA LINGUAGEM:  
ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PRODUÇÃO DE UM VOCABULÁRIO*

Albelita Lourdes Monteiro Cardoso (Mestranda; FFLCH/USP; Lexicologia e  
Lexicografia)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

Cada tipo de obra lexicográfica tem seu objeto, suas finalidades e seu público-alvo definidos. Por isso, todos os paradigmas que integram o enunciado lexicográfico e a própria metodologia que permite a sua construção organizam-se em função da natureza da obra lexicográfica. Este trabalho trata de aspectos inerentes à produção de um vocabulário do Bumba-meu-Boi do Maranhão, com base nos fundamentos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos. Apresenta a metodologia adotada na coleta, organização e registro dos dados. São tecidas considerações sobre as dificuldades encontradas no concernente à classificação da obra e à definição de suas unidades lexicais. Ademais, é sugerido ao tratamento dos dados deste universo um modelo de microestrutura, em que cada campo será preenchido de acordo com as informações levantadas na ficha lexicográfica e na ficha-consulta, que asseguram assim, a fidedignidade aos elementos constitutivos do corpus.

*ELABORAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO: ENTRE O SONHO E A REALIDADE*

Leda Cecília Szabo (Doutoranda; FFLCH/USP/Capes; Lexicologia e  
Lexicografia)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

O objetivo deste trabalho é apresentar o projeto, em andamento, de elaboração de um vocabulário técnico-científico bilíngüe da Periodontia, as etapas percorridas, as dificuldades encontradas e o caminho que ainda resta trilhar. A primeira etapa do trabalho consistiu na determinação do público alvo e das características da obra. A seguir, realizou-se um levantamento dos materiais necessários à consecução do projeto: bibliografia de fundamentação teórica, obras para uma apreensão do sistema de noções da Periodontia, documentação específica dos métodos de trabalho e dos termos. O passo seguinte, o estabelecimento dos corpora, implicou decisões sobre os tipos de texto e características discursivas das fontes de pesquisa. A primeira versão de um quadro com os campos e subcampos temáticos da Periodontia tem recebido sugestões e críticas, freqüentemente desencontradas, por parte dos especialistas. Ainda há várias dificuldades a serem enfrentadas. É necessário testar a representatividade dos corpora bem como o modelo das fichas a serem utilizadas no trabalho. Cada uma dessas etapas é marcada por problemas específicos, que implicam a tomada de decisões o que, por sua vez, imprime os rumos à pesquisa.

*UMA PERSPECTIVA LÉXICO-FUNCIONAL  
DE CRISTALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NOS FRASEOLOGISMOS VERBAIS*

Elisabeth Alves (Doutoranda; Universidade de Brasília; Lexicologia e  
Lexicografia)

Orientadora: Profa. Dra. Enilde Faulstich

O tema central da presente pesquisa é a análise das unidades fraseológicas verbais, presentes no discurso de vulgarização científica da área 'economia/ negócios/ finanças' do português do Brasil, extraídas da imprensa brasileira. Este discurso é abordado na perspectiva de uma linguagem intermediária entre a língua geral e a linguagem de especialidade. São estudados os mecanismos de cristalização dos predicados verbais complexos e a interação dos fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos na formação e no uso. As características internas que levam à cristalização com funcionamento coeso no contexto são relacionadas por meio de uma abordagem funcional, aplicada ao léxico. O modelo de análise lingüística da gramática funcional de Dik (1989 e 1997), baseado na predicação, fornece as bases teóricas da análise de quatro tipos de fraseologismos verbais, classificação inspirada em Hundt (1994). O estudo do papel fundamental da predicação também se apoiou na teoria de variação em terminologia (Faulstich 1999 e 2002), pelo fato de ocorrerem no discurso analisado diversas expressões e possibilidades de variação, como formas expandidas e semanticamente paralelas, assim como a inserção de unidades terminológicas nas formas verbais cristalizadas. Os resultados tentam responder questões em relação à delimitação da unidade lexical, tanto na língua geral, quanto na linguagem de especialidade da economia, e sua configuração na comunicação especializada. Também é tratada a problemática da distinção entre fraseologismos e colocações e variação e sinonímia, com base nas regularidades detectadas na predicação e formalização.

*SOBRE UM DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM USO*

Alessandra Paola Caramori (Doutoranda; FFLCH/USP; Lexicologia e Lexicografia)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa

As expressões idiomáticas apresentam aspectos que tornam a sua fisionomia fugidia, o que muitas vezes obriga o dicionarista a dar a elas uma definição pouco exata. Daí a importância do contexto, ou seja, da expressão idiomática em uso para que a possamos compreender. Qual contexto? Partimos das expressões e depois encontramos um contexto que a esclareça ou fazemos o caminho inverso? A escolha do corpus: qual corpus é qualificado para podermos extrair as expressões

idiomáticas? A obra de um autor pode ser considerada suficiente? Se for suficiente, posso falar em dicionário ou devo nomeá-lo glossário. O quanto a Internet e os seus motores de busca fazem concorrência aos dicionários. Conseguiremos sobreviver a tal riqueza e novidade de informação?

### *PESQUISANDO COLOCAÇÕES VERBAIS NA LINGUAGEM MÉDICA*

Rosa M.C. Castanho (Mestranda; FFLCH/USP/Capes; Terminologia)  
Orientadora: Profa. Dra. Stella E.O. Tagnin

A presente pesquisa pretende investigar e analisar a linguagem técnica utilizada por especialistas da Área Médica em um de seus subdomínios: Cardiologia – Hipertensão Arterial.

Uma boa tradução deve levar em conta não apenas o conteúdo, mas também a adequação ao ato comunicativo. Cada idioma e cada área de especialidade possui uma “forma natural de expressão” que é convencional e representa um obstáculo para o falante não nativo. Tradutores e profissionais envolvidos na produção de texto tentam estabelecer equivalências tradutórias para a elaboração de um texto fluente que seja equivalente à língua de chegada. Para isso há a necessidade de termos apropriados capazes de explicar conceitos, favorecendo uma univocidade comunicacional. Ao recorrer a dicionários, o tradutor percebe a escassez e a quase inexistência de documentos terminográficos e de obras com informações sobre escolhas combinatórias adequadas que formalizem e dêem tratamento adequado aos termos. Em nossa pesquisa, o levantamento terminológico está em andamento. O corpus escolhido constitui-se de artigos publicados em revistas médicas. Em português os textos foram tirados dos “*Arquivos Brasileiros de Cardiologia*”, abrangendo um espaço de tempo de 10 anos de publicações: janeiro de 1988 a junho de 1997 da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Em inglês os textos foram tirados da revista especializada “*Hypertension*” da “*American Heart Association, Inc.*” de 1996 a 2001. A coleta de termos foi feita utilizando o programa *Wordsmith Tools*. A comunicação abordará as dificuldades encontradas até o momento na compilação e organização dos corpora, a metodologia utilizada e algumas possibilidades de solução para problemas observados na organização dos termos.

*Mesa 13*

*OS EFEITOS CRIADOS PELA IRONIA EM ALGUNS SERMÕES DE VIEIRA*

Sylvio Frederico Dias Martins (Mestrando; FFLCH/USP; Semiótica)

Orientadora: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

Este trabalho tem por objetivo a verificação do modo pelo qual a ironia criada nos sermões de Vieira produz determinados efeitos de sentido que contribuem na persuasão dos ouvintes. Para dar um único exemplo, no “Sermão da Terceira Domingo da Quaresma”, Vieira discorre sobre a necessidade e o caráter da confissão: “Esta antigüidade determino desenterrar hoje: esta velhice determino pregar, e só me pesa que há de ser (ainda que eu não queira) de grande novidade”. A princípio, o termo ‘antigüidade’ parece estar sendo usado no sentido literal, e não irônico, por uma simples oposição ao termo ‘novidade’ do final da frase, formando uma antítese. Entretanto, o uso da palavra ‘velhice’, que possui outros traços semânticos, tais como /obsoletismo/, /fora de uso/, /coisa superada/, desencadeia uma isotopia que permite a mesma leitura para ‘antigüidade’. Assim, a primeira parte do trecho em análise, ou seja, “Esta antigüidade determino desenterrar hoje: esta velhice determino pregar” permite uma leitura irônica, em que se nega, na enunciação, a afirmação enunciada. “Velhice” ou “velharia” é, de fato, somente como o público vê a confissão. Tal sentido se irradia por todo o enunciado e fica reforçado pelo emprego do termo desenterrar, ligado a coisas mortas. Há ainda a possibilidade de leitura de uma outra ironia no restante do trecho. Em “e só me pesa que há de ser (ainda que eu não queira) de grande novidade”, a desembreagem responsável pela colocação no enunciado da categoria de pessoa ‘eu’ é seguida de uma embreagem da primeira pessoa pela segunda. É, de fato, ao “tu” que “pesa” o ato confessional, o qual não é feito de acordo com o que prega o padre e manda a Igreja. Daí ser sempre uma “novidade” para os ouvintes. Os efeitos mais evidentes criados pela ironia são, na persuasão do ouvinte, a sua desqualificação e a conseqüente qualificação do próprio orador.

*O CONCEITO DE PERCEPÇÃO COMO BASE DA EXISTÊNCIA SEMIÓTICA*

Renata Ciampone Mancini (Doutoranda; FFLCH/USP; Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

A semiótica de linha francesa é uma metodologia de análise que procura entender e explicitar os mecanismos de formação de sentido em um texto. Nos seus primórdios, e graças a sua herança propiana, as discussões semióticas concentraram-se na formação de uma sintaxe narrativa, formulada abstratamente

em termos de relações juntivas entre sujeito e objeto. Numa etapa posterior da construção do modelo semiótico, a investigação dos pressupostos do fazer do sujeito conduziu à modalização da sintaxe narrativa, isto é, tanto o ser quanto o fazer do sujeito poderiam ser sobredeterminados, o que possibilitou o equacionamento das etapas que antecediam e sucediam a ação do sujeito propriamente dita. As pesquisas de Greimas sobre a modalização do ser acabaram por conduzi-lo diretamente ao universo passional. Na obra *Semiótica das Paixões*, Greimas formula pela primeira vez o problema da continuidade no modelo semiótico. A incorporação da chamada Semiótica Tensiva nas discussões semióticas é, de fato, uma tentativa de formalização das questões relacionadas aos elementos contínuos que participam da construção do sentido, permitindo assim, dar continuidade às discussões colocadas, em um primeiro momento, em *Semiótica das Paixões*, através do refinamento do instrumental teórico relacionado ao nível das pré-condições de formação do sentido. Uma das discussões de grande pertinência proposta pela Semiótica Tensiva, é a formulação da categoria da presença, dependente da relação semiótica que se estabelece entre um sujeito sensível e os objetos que visa. A existência semiótica analisada a partir desse viés passa a ser considerada “parte integrante de uma configuração perceptiva que seria constitutiva tanto da semiose quanto da enunciação”, segundo Claude Zilberberg no livro *Tensão e Significação*. Seguindo essa linha, o presente trabalho procurará discutir o conceito de percepção, analisando os seus parâmetros constituintes e suas implicações para as discussões semióticas atuais.

#### *NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR: A DESCONSTRUÇÃO DA FALA INSTITUCIONALIZADA*

Denise das Neves Barbosa de Souza (Mestranda; UFF/RJ; Semiótica)  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena de Arantes Frota

Esta pesquisa baseia-se num documentário rodado entre os anos de 1997/98, no morro Dona Marta, Botafogo/RJ, tornado público em 1999, contendo pouco mais de cinquenta e oito minutos, dirigido pelos cineastas João Moreira Salles e Kátia Lund. Mais especificamente, pretendemos mostrar como o discurso da instituição policial carioca é desconstruído a partir da fala de seu representante maior. Para tanto, teremos como suporte teórico a Análise de Discurso de escola francesa (AD). Partindo do pressuposto de que todo conjunto de enunciados pode servir de corpus para AD, optamos por trabalhar com enunciados contidos no documentário “Notícias de uma guerra particular”, buscando evidenciar a desconstrução no discurso policial carioca. Para comprovar a nossa hipótese, procedemos a um recorte das falas do então Secretário de Segurança Pública, Hélio Luz. Lembramos que, na AD, o que torna possível o dizer é o já-dito, marcado por condições históricas e posições

ideológicas. É justamente esse interdiscurso que autoriza a que um novo discurso signifique. Estamos dizendo que a significação de um discurso só é possível em relação a um outro que lhe antecede e, de algum modo, o constitui. Estamos aqui tomando a fala de Hélio Luz como interdiscurso também. Constatamos que a fala de Hélio Luz é apenas a parte final de uma tragédia anunciada desde os anos 50, época preferencialmente retratada como os anos dourados. Resta perguntarmos: dourados para quem? Que questões perpassam por sua fala e não se apresentam na mídia? O que se diz e o que se silencia? Que efeitos de sentido essa fala quer trazer? A esse propósito, julgamos oportuno fazer dialogarem, de passagem, o Documentário e o filme, também co-dirigido por Kátia Lund, e ainda em cartaz nos cinemas do País: “Cidade de Deus”.

*A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO REPENTE:*

*RELAÇÕES ENTRE AS ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS VERBAIS E MUSICAIS NO GÊNERO “MARTELO”*

Ricardo Nogueira de Castro Monteiro (Doutorando; FFLCH/USP; Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

O Repente, gênero lítero-musical em que o autor improvisa em público versos e melodias, é uma manifestação da cultura popular brasileira que encontra congêneres em vários países latino-americanos (como os célebres “payadores” argentinos). Herdada dos trovadores ibéricos, essa tradição parece remontar sobretudo à cultura dos invasores bérberes que ocuparam parte daquela península por cerca de oito séculos – hipótese mais consistente que aquela que procura relacionar nossos cantadores aos longínquos rapsodos gregos e seus cantos amebus. Par a par com a prodigiosa inventividade de um processo de criação de textos de alto grau de elaboração formal caracterizado e nomeado a partir da simultaneidade entre o gesto de criação e enunciação, observa-se a fixidez de determinadas estruturas sonoras (melódicas e fonéticas) a contrabalançar o aparente caos criativo, conferindo ao discurso em gestação sólidos parâmetros de previsibilidade. Nosso alvo de interesse parte do exame das correlações entre as instâncias sonoras fonética e melódica no processo de geração de sentido, para em seguida nos debruçarmos sobre a ingerência da forma musical na estruturação verbal do repente. Dessa maneira, investigaremos, em última análise, a instância musical do processo de geração de sentido no exemplo a ser apresentado, bem como sua interação, em nível pois tanto de plano de conteúdo quanto de expressão, com a instância verbal. Dentre os diversos gêneros de cantoria, escolhemos como objeto de análise o “Martelo”, - dez versos decassílabos - modalidade considerada virtuosística pelos cantadores e que figura em diversos dicionários como sinônimo mesmo de peleja entre repentistas.

*ALOTIMBRE: PROCESSOS DE COVARIÇÃO NO ARRANJO DA CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA*

Márcio Luiz Gusmão Coelho (Doutorando; FFLCH/USP; Semiótica)  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

Louis Hjelmslev, em seu *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, preconiza que suas idéias instituídas neste livro podem e devem se estender a todas as linguagens, não obstante terem sido construídas com base na linguagem natural. O professor José Miguel Wisnik defende, no livro *O Som e o Sentido*, que o discurso musical começou a ser estabelecido pela forma sonata, num período de consolidação do sistema tonal, afirmando que “a fala da melodia se dá como um fraseado progressivo, um fio lógico em que se distinguem claramente o “antes” e o “depois” na linearidade do tempo, distinção que a música modal dissolve na repetição circular”. Se a música é uma linguagem cuja forma é análoga à linguagem natural, podemos também analisá-la a partir do aparato teórico estabelecido pelo lingüista dinamarquês. Buscaremos comprovar com esse trabalho que quando há substituições entre instrumentos de uma mesma categoria (observadas algumas características particulares como a tessitura, por exemplo) o sentido melódico não se altera, as transformações se mantêm no âmbito da substância da expressão, instaurando apenas uma “substituição”. De modo contrário, quando a troca de instrumentos é efetivada entre instrumentos de categorias diferentes, constatamos uma “comutação”, isto é, uma mudança de ordem formal. As operações de comutação e de substituição baseiam-se na covariação, que ocorre entre duas entidades lingüísticas quando se introduz uma mudança em uma delas, provocando, dessa maneira, uma mudança correspondente na outra unidade. Então, assim como falantes com sotaques diferentes instauram uma alofone quando pronunciam, por exemplo, “erres” de maneiras diferentes, sem comprometer a inteligibilidade de um determinado termo, o arranjador, ao realizar um rearranjo de uma canção, pode optar por instaurar um “alotimbre”, mantendo as características melódicas anteriormente manifestadas por outro instrumento



## Mesa 14

*PRODUÇÃO DE TEXTO EM UM CURSINHO  
COMUNITÁRIO PRÉ-VESTIBULAR: UM TRABALHO COM OS GÊNEROS DO DISCURSO*

Romualdo Matos da Silva (Mestrando; PUC-SP/CNPq; Aquisição/  
Aprendizagem/Ensino)

Orientadora: Profa. Dra. Roxane Helena Rodrigues Rojo

Quem é o aluno que tem se formado no Ensino Médio nos último triênio? Que capacidades foram exigidas desse aluno no tocante à leitura e à produção de textos? O que se espera desse aluno como candidato ao vestibular em instituições públicas de ensino? Que necessidades de ensino se identificam nesse aluno formado no EM e candidato ao vestibular? Este estudo tem como objetivo levantar as respostas para tais questões a partir da análise das provas de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) dos últimos três anos, bem como das propostas de redação da Unicamp e da Fuvest do mesmo período. Além disso, objetivo fazer um diagnóstico com um grupo de alunos concluintes do EM, que atualmente participam de um cursinho pré-vestibular para alunos afrodescendentes e de condição financeira baixa. Por último, almejo desenvolver um trabalho de leitura e de produção de textos pautado em um modelo didático que possibilite a interação discursiva com os gêneros do discurso do agrupamento argumentar. Um trabalho dessa natureza aponta para uma aula de leitura e de produção de textos como lugar de problematização e de apropriação crítica dos mesmos, em vez de uma mera reprodução do conhecimento.

*A PROPAGANDA POLÍTICA DE ROSEANA SARNEY*

Kátia Saisi (Mestranda; Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero;  
Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. Ivan Santo Barbosa

No final de 2001, vários nomes já se configuravam como possíveis candidatos à Presidência da República, ocupando espaço crescente na imprensa, nos programas políticos de televisão e nas pesquisas de opinião. Algumas questões desde então já se colocavam e poderiam, do ponto de vista semiótico, contribuir para o deslindamento de como os diferentes discursos de candidatos em campanha são recebidos e recriados pelos receptores, advindo daí prováveis conseqüências e implicações da propaganda política moderna no contexto da sociedade brasileira democrática. O presente trabalho teve como objetivo a análise da estrutura modal

e dos processos persuasivo-sedutivos do discurso político/publicitário de Roseana Sarney, um dos pré-candidatos à Presidência da República do Brasil na ocasião, que então verificava ampla ascensão nas pesquisas de opinião. Foram analisadas duas inserções comerciais de 30 segundos cada, veiculados em rede nacional de televisão no horário destinado ao PFL. A análise centrou-se no estudo da linguagem verbal e não-verbal da propaganda por intermédio da teoria semiótica desenvolvida por A.J.Greimas, de modo a se estabelecer a relação entre forma e conteúdo, desenvolvendo processos de decodificação e leitura, para a extrair-lhes a significação, ou seja, desvendar os elementos constitutivos dos enunciados. A análise detectou um dialogismo eufórico (no sentido bakhtiniano) entre a imagem, o texto e o áudio: todos reforçam o sentido de capacidade e competência da personagem. Em termos de ação perlocutória, esperava-se uma resposta do telespectador: o voto que, naquele momento, manifestou-se no amplo crescimento verificado nas pesquisas de opinião. A mensagem publicitária encontrou eco nos corações e mentes dos eleitores que responderam positivamente.

### **UMA PARÓDIA DO WESTERN: PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O FILME**

**BANZÉ NO OESTE” DE MEL BROOKS À LUZ DAS TEORIAS BAKHTINIANAS SOBRE O DISCURSO**

Odair José Moreira da Silva (Mestrando; FFLCH/USP; Análise do Discurso/  
Semiótica)

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Fiorin

O gênero de filme conhecido como *Western* é, por excelência, aquele que melhor representou o cinema americano em todos os momentos da história da sétima arte, pois “a busca do Oeste” americano constitui um dos temas de estudo mais interessantes do mundo moderno. O *Western* tem uma estrutura que lhe é própria e que encerra em si uma mitologia particular. Mel Brooks é um diretor que pode ser considerado como um realizador de paródias de filmes alheios. Por suas mãos já passaram gêneros tão díspares como o horror, o thriller, a ficção científica, a aventura, o épico e o western, entre outros. Mel Brooks constrói seu discurso (seus filmes), particularmente, com citações de outros discursos (filmes de outros), transformando-os, a seu bel prazer, em paródias interessantes que por si só se sustentam pela criatividade do autor. O autor/diretor dialoga com outros cineastas fazendo de seus próprios filmes uma espécie de “alfinetada” na própria cultura cinematográfica. O presente trabalho visa a mostrar, sobre à luz das teorias de Bakhtin no que se referem ao discurso, a polifonia, representada pela paródia, que encontramos em Mel Brooks, mais precisamente, em seu filme “Banzé no Oeste” (*Blazing Saddles*, 1974, EUA). A presença de elementos cômicos, às vezes apenas sugeridos em filmes alheios, torna-se peça fundamental nas mãos do diretor. Como já foi colocado antes, Mel Brooks pode ser considerado um cineasta das paródias. Bóris Schnaiderman já dizia que a paródia, vista como um dos elementos da oposição

mundo/anti-mundo, torna-se algo inerente a toda uma tradição cultural. Pois bem, o gênero Western é fundamentado em uma cultura que exacerba a busca das raízes americanas. Mel Brooks, ao parodiar tal gênero, vê claramente que, embora tivesse uma razão de ser, tal busca suscita uma comédia. Bakhtin, em suas teorias, raramente menciona o cinema como objeto de estudo. Esse meio de comunicação oferece uma gama de possibilidades para que possamos aplicar tais teorias que versam sempre sobre os estudos referentes à cultura.

### *ONTEM QUILOMBOS, HOJE PERIFERIA*

Fábilia A. Rocha de Carvalho (Mestre; UNESP; Semiótica)  
Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Cortin

Entre as vozes que representam as culturas do nosso meio, ouve-se atualmente uma que tem se revelado como a expressão das periferias. Estou me referindo à voz que se manifesta no “rap”, tipo de música pertencente a chamada cultura “hip hop”, que é um movimento que teve origem nos guetos negros de Nova Iorque e da Califórnia. A leitura dos signos dessa cultura, que ainda se expande por várias partes do globo, aponta como ela vem tomando formas próprias aqui no Brasil, principalmente na periferia dos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Essa cultura, que conserva suas bases com elementos signícos originais, apenas se diferencia nos vários pontos do globo pela linguagem. Neste trabalho destaco a linguagem da cultura hip hop como gênero do discurso, segundo a concepção bakhtiniana de gênero, e a partir de então vou definindo as características desse gênero manifesto no discurso dos “rappers”. Para tanto, tomo como exemplo, faixa do CD da banda “Zafrica Brasil”, chamada “O Rei Zumbi”, que sintetiza o que significa a verdadeira Cultura Hip Hop nacional. As bases metodológicas para o desenvolvimento dessa pesquisa estão assentadas nos conceitos bakhtinianos de discurso, de voz e de gênero, que possibilitam tomar a produção dos “rappers” como o discurso onde se manifesta a voz da periferia e que, atualmente, define-se como um gênero. Tornaram-se igualmente pertinentes para minha análise, algumas idéias preconizadas por Lotman & Uspenskii sobre semiótica da cultura, especificamente sobre o mecanismo semiótico da cultura.

## ÍNDICE DOS AUTORES DOS RESUMOS

ADAMO, Erani Stutz do Valle -----	34
ALBUQUERQUE, Adrianna F. de Sousa de -----	38
ALVES, Elisabeth -----	58
ALVES, Flávia de Castro -----	50
AMADO, Rosane de Sá -----	50
ARAÚJO, Alisson -----	46
ARAÚJO, Karina de -----	19
AZEVEDO, Patrícia Torres de -----	55
BARROS, Renata Maria de -----	42
BARUFFALDI, Vanda Bartalini -----	25
BAPTISTA, Livia Márcia T.R -----	43
BATISTA, Ronaldo de Oliveira -----	33
BELMONTI, Juliana -----	53
BRAGAZZA, Daniela Fregonesi -----	38
CARAMORI, Alessandra Paola -----	58
CARDOSO, Albelita Lourdes M -----	57
CARVALHO, Fabília Rocha de -----	67
CASTANHO, Rosa M.C -----	59
CHRISTINO, Beatriz -----	23
COELHO, Márcio L.G -----	64
CUNHA, Ana Stela de Almeida -----	32
DE PAULA, Maria Helena -----	32
DEL RÉ, Alessandra -----	41
DOMINGUEZ, Michelle G.A -----	45
FLENIK, Neumar L.M -----	29
FRANÇA, Angela -----	35
GAINO, Silvana Batista -----	19

GIBRAIL, Alba Verona Brito -----	49
GOMES, Ana Paula Quadros -----	27
HERNANDES, Nilton -----	37
IMAGUIRE, Lígia Maria C -----	31
JANNINI, Karina -----	46
LIMBERTI, Rita -----	33
MANCINI, Renata Ciampone -----	61
MARTINS, Lia Santos de Oliveira -----	17
MARTINS, Sylvio Frederico Dias -----	61
MISQUIATTI, Andréa Regina -----	17
MONTEIRO, Ricardo N.C -----	63
MONTEIRO, Sandra Helena C -----	47
MORAES, Augusta de M.C -----	21
NEVES, Marisa R -----	25
NETO, José Ferrari -----	18
NOGUEIRA, Sidnei Barreto -----	22
NOVAK, Roseli -----	26
NUNES, Érika Pereira -----	45
OKOUDOWA, Bruno -----	22
OLIVEIRA, Fátima H.A. de -----	43
OLIVEIRA, Márcia Santos D -----	27
PITOMBEIRA, Cátia Veneziano -----	37
PRATA, Walkíria Neiva -----	51
REBELO, Ida M. da Mota -----	39
ROCHA, Roberto do Carmo -----	47
SANTOS, Sônia Sueli Berti -----	31
SAISI, Kátia -----	65
SILVA, Maurício -----	34

SILVA, Odair José M. da -----	66
SILVA, Romualdo Matos da -----	65
SILVA, Vânia A.C -----	54
SOBRAL, Adail Ubirajara -----	53
SOUZA, Denise das N.B -----	62
SZABO, Leda Cecília -----	57
TROTTA, Mariana de Rosa -----	26
VELOSO, Brenda -----	21
VENTURI, Maria Alice -----	41
WACHOWICZ, Teresa Cristina -----	28

<i>Título</i>	V Enapol – Língua: uma questão de regras ou de usos?
<i>Formato</i>	16 x 22 cm
<i>Mancha</i>	11,5 X 19 cm
<i>Tipologia</i>	Times New Roman
<i>Montagem</i>	Charles de Oliveira / Marcelo Domingues
<i>Impressão e acabamento</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Número de páginas</i>	72
<i>Tiragem</i>	350 exemplares



Serviço de Divulgação e Informação  
Gráfica - FFLCH

USP